CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXIII | 347 | Julho 2024

Eficiência na pecuária leiteira

Mudar o olho para: Investimentos em tecnologia, assistência técnica, capacitação e gestão transformam a realidade de propriedades do setor lácteo em Goiás. Resultado é a melhoria na produtividade

FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL

Produtor

quer economizar ao adquirir os produtos para o seu negócio?

Com a Huma Tecnologia, além de ter acesso a mais de 10mil fornecedores na palma da sua mão, seu negócio rural pode cotar, comprar e/ou vender de forma ágil, segura e econômica, eliminando os inconvenientes do procedimento tradicional de cotações e compras já obsoleto.

Nossas Soluções

- Cotações e Compras
- Gestão de Contratos
- MarketPlace / Catálogo
- Pregão Eletrônico / Leilão Reverso

HUMA TECNOLOGIA

Aponte sua câmera para o QR Code ao lado, fale conosco aproveite seu período de teste gratuito!

Palavra do Presidente

Planos para a pecuária e para a agricultura

Agora, em agosto, Goiás sediará mais uma edição do Interleite Brasil, um dos maiores eventos para discutir o futuro da cadeia láctea no País, bem como das diferentes cadeias que servem a essa produção. Teremos produtores, entidades e autoridades do Brasil todo reunidos, em Goiânia, onde teremos novos direcionamentos para a bovinocultura de leite atual, seus desafios e perspectivas.

E aproveitando esse gancho, nossa matéria principal traz um aspecto sobre a produção de leite no Estado e das ações do Sistema Faeg/Senar/Ifag para o fortalecimento da bovinocultura de leite em Goiás. A Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás, por exemplo, é um importante catalisador da produção ao promover melhorias na gestão com vistas à eficiência da produção.

Neste contexto, também, a edição deste mês traz um alerta que afetará a pecuária e, principalmente, a agricultura do Estado e de boa parte do Brasil. É a questão da estiagem prolongada, a qual todos os produtores do Estado devem ficar atentos e buscar se informar, se preparar, com a ajuda do Sistema Faeg/Senar/Ifag, para enfrentar os dias cada vez mais áridos que virão pela frente. Como você poderá ver na matéria, os impactos já deverão ser sentidos na semeadura da safra 2024/25, com o fim do vazio sanitário. As chuvas isoladas e os veranicos podem ser sucedidos de fortes ondas de calor e secas, que podem prejudicar muito a produção. Então, é fundamental se preparar para que os efeitos não sejam tão destrutivos.

A safra 2024/25 também é tema desta edição da Revista Campo, no qual comento na Prosa Rural sobre o anúncio do Plano Agrícola e Pecuário (PAP), mais conhecido como Plano Safra, para o ciclo 2024/25. Os valores e condições que foram anunciados estão aquém do que o setor precisa e nós, do Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais, das Federações que compõem a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), não vamos aceitar de bom grado. É preciso melhorar as condições ofertadas aos nossos produtores e também facilitar com que esse dinheiro chegue lá na ponta.

Diante das dificuldades e novos desafios, nós do setor agropecuário, sempre estamos a postos a buscar saídas e favorecer o produtor rural. Ele é a base de toda a nossa economia e precisamos dar condições para o seu pleno desenvolvimento. Essa valorização favorece não só o agro, como toda a sociedade. É por isso que existimos e lutamos.

Boa leitura!

José Mário Schreiner
Presidente do Sistema Faeg/Senar

CAMPO

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Conselho editorial: Eduardo Veras, Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Dirceu Borges. .
Diretor Técnico: Leonnardo Furquim.
Diretora de Comunicação: Michelly Mancinelli.
Edição e revisão: Fernando Dantas e Renan Rigo.
Reportagem: Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Malu Cavalcante, Revana Oliveira, Gabriela Sérgio e Renan Rigo.
Fotografia: Fredox Carvalho.
Diagramação: Isabele Barbosa.
Foto da capa: Fredox Carvalho.
Fotos do Painel Central: Divulgação e Fredox Carvalho.
Tiragem: 5.000 exemplares.
Comercial: (62) 3096-2124 | (62) 3096-2200.

DIRETORIA FAEG
Presidente: José Mário Schreiner.
Vice-presidentes: Eduardo Veras de Araújo e Enio Jaime Fernandes Júnior.
Vice-presidentes Institucionais: Ailton José Vilela e José Vitor Caixeta Ramos.
Vice-presidentes Administrativos: Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva. Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margareth Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.
Conselho Fiscal: Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antônio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.
Suplentes: Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.
Delegados Representantes: Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.
Suplentes: Nilson Fogolin e José Fava Neto.

CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR
Presidente: José Mário Schreiner.
Superintendente: Dirceu Borges.
Titulares: José Mario Schreiner, Daniel Klüppel Carrara, Elias D´Angelo Borges, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.
Suplentes: Geovando Vieira Pereira, Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.
Conselho Fiscal: Marcus Vinícius Rodrigues Souza Lino, Wildson Cabral Santos e Sandra Pereira de Faria.
Suplentes: Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.
Conselho Consultivo: Thomas David Taylor Peixoto, Nivaldo dos Santos, Pedro Leonardo de Paula Rezende, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.
Suplentes: Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

Sistema Faeg Senar
Rua 87 nº 708, Setor Sul. CEP: 74.093-300
Goiânia - Goiás
Contato Faeg: (62) 3096-2200 faeg@sistemafaeg.com.br
Contato Senar: (62) 3412-2700 senar@senar-go.com.br | comunicacao@senar-go.com.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Acesse:

sistemafaeg.com.br | @SistemaFaeg | sistemafaeg | senar/ar-go | sistemafaeg | SistemaFaeg | sistemafaeg | sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

Assistente Virtual 62 3096 2200

Painel Central

22 **RenovaBio**
Programa busca estimular uso de energias renováveis. Sistema Faeg/Senar auxilia produtor em relação ao crédito de carbono

26 **Podologia Equina**
Cresce mercado que visa tratar cascos de cavalos e levar bem-estar ao animal. Senar Goiás oferecer cursos de qualificação na área

16 **Caso de Sucesso**
Produtor de Flores de Goiás consegue bons resultados na produção de maracujá e outras frutas com apoio da ATeG do Senar Goiás

12 **Prosa Rural**
Presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag e vice-presidente da CNA, José Mário Schreiner

06 Porteira Aberta
08 Sistema em Ação
10 Opinião
11 Ação Sindical
29 Tecnologia
30 Clima
33 Mitos e Verdades
34 Info Senar
37 Receitas do Campo
38 Dica de Vó

32 **Senar Responde**
Supervisora de Horticultura e Fruticultura do Senar Goiás ajuda a identificar qual é a fruta da foto

Capa

Presente nos 246 municípios goianos, a pecuária leiteira é uma atividade importante para a economia goiana. Milhares de produtores conquistam renda por meio do setor lácteo. Para ampliar produtividade e avançar no segmento, pecuaristas têm investido em inovações tecnológicas, programas de gestão, qualificação profissional e assistência técnica e gerencial, como é o caso do programa Senar Mais Leite/Carne. O Sistema Faeg/Senar/Ifag tem sido importante aliado do produtor goiano.

18

Exportações

No primeiro semestre de 2024, as exportações brasileiras do agronegócio alcançaram o valor de US$ 82,39 bilhões. Esse é o segundo maior valor registrado para a série histórica. Neste período, os cinco principais setores do agronegócio brasileiro se destacaram significativamente nas exportações. O complexo soja liderou, alcançando US$ 33,53 bilhões, representando 40,7% do total exportado pelo agronegócio. Em seguida, o setor de carnes exportou US$ 11,81 bilhões, equivalentes a 14,3% das exportações do agronegócio. O complexo sucroalcooleiro registrou US$ 9,22 bilhões, correspondendo a 11,2% do total, enquanto os produtos florestais somaram US$ 8,34 bilhões, representando 10,1%. Por fim, o setor de café alcançou US$ 5,31 bilhões, o que equivale a 6,4% das exportações. Juntos, esses setores foram responsáveis por 82,8% das vendas externas do agronegócio brasileiro. Além desses, outros produtos também apresentaram desempenhos notáveis. O algodão não cardado e não penteado atingiu um recorde de US$ 2,68 bilhões, um aumento de 236%, com 1,39 milhão de toneladas exportadas, um crescimento de 228%. O suco de laranja também bateu recorde, com US$ 1,25 bilhão em exportações, um aumento de 24%.

Mapa

HLB

Agrodefesa

A Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) realiza medidas previstas na Portaria Federal nº 317/2021, do Ministério de Agricultura e Pecuária (Mapa), para contenção da Huanglongbing (HLB), após a identificação da doença em dois pomares nos municípios de Campo Limpo de Goiás e Quirinópolis. A confirmação foi declarada no dia 28 de junho, pelo Laboratório Federal de Defesa Agropecuária (LFDA-GO) do Mapa, depois de análise realizada junto a material suspeito coletado por fiscais estaduais agropecuários da Agrodefesa nos municípios. Os dois casos confirmados, tanto em Campo Limpo de Goiás, quanto em Quirinópolis, são casos isolados e a partir da identificação, a Agrodefesa deu início a um protocolo de medidas de contenção da praga para evitar a disseminação. O HLB ou Greening é considerada a pior doença dos citros por não possuir tratamento e por se propagar em alta velocidade. É causada pela bactéria Candidatus Liberibacter spp., transmitida pelo psilídeo Diaphorina citri, inseto de coloração branca acinzentada e manchas escuras nas asas. A Agrodefesa delimitará a abrangência dos focos e realizará novos levantamentos fitossanitários, conforme determina o Mapa, para delimitação das áreas de ocorrência, com ênfase nas inspeções fitossanitárias nos viveiros que comercializam mudas cítricas.

Brucelose

Foi ampliado em 120 dias o prazo para pecuaristas regularizarem a imunização do rebanho, composto por fêmeas bovinas até doze meses, sem acarretar em multa pelo atraso na imunização contra a brucelose e sem a obrigatoriedade de vacinação assistida após os oito meses de vida. A medida foi adotada pela Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa), atendendo ao ofício circular nº 3/2024, do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), que delegou aos serviços veterinários oficiais a realização de medidas de flexibilização diante da ausência no mercado da vacina B-19, utilizada para imunizar fêmeas de três a oito meses de vida. As informações foram publicadas no dia 8 de julho, no Diário Oficial do Estado, por meio da Portaria nº 326. A falta do imunizante B-19 no mercado dificultou o acesso do produtor no período de três a oito meses de vida do animal, que é a fase que a vacinação é exigida contra brucelose. Ciente dessa dificuldade, a Agrodefesa editou essa portaria para que o pecuarista tenha mais 120 dias, ou seja, até novembro, para regularizar a vacinação do seu rebanho até doze meses de vida, utilizando a vacina RB-51.

Agrodefesa

Leite

Divulgação

A Embrapa Gado de Leite apresenta o Anuário Leite 2024, publicação sobre a cadeia do leite, com estatísticas, análises, artigos e entrevistas que valorizam as pesquisas e as tecnologias que impulsionam esta importante atividade produtora de alimentos e geradora de empregos e renda no campo. A publicação destaca a importância da eficiência na gestão técnica e econômica para que o produtor se mantenha de forma sustentável na atividade, superando os momentos de crise da pecuária de leite nacional. O Anuário elenca tecnologias desenvolvidas pela pesquisa agropecuária, capazes de promover a superação dos desafios. São os casos de práticas para recuperação de pastagens degradadas, técnicas para redução da pegada de carbono do leite e protocolo de biosseguridade em fazendas leiteiras. Há ainda soluções a ser lançadas em breve, como a avaliação genômica multirracial, que permitirá identificar animais Gir Leiteiro com genética superior para cruzamento com bovinos da raça Holandesa a fim de se obter o melhor Girolando.

Saiba mais

Faculdade CNA

A Faculdade CNA está com inscrições abertas até o dia 7 de agosto para o segundo processo seletivo de 2024. A instituição oferece quatro cursos superiores de tecnologia com graduação a distância: Gestão do Agronegócio, Gestão Ambiental; Gestão de Recursos Humanos e Processos Gerenciais. A faculdade tem três formas de ingresso: pela nota do Enem, por vestibular (redação) agendado ou segunda graduação. Para participar é necessário ter concluído o ensino médio. As graduações são a distância, têm duração de dois a três anos, dependendo do curso escolhido, e contam com apoio de polos presenciais em todas as regiões do País. O resultado do processo seletivo será divulgado por e-mail aos candidatos. As aulas estão previstas para começar na primeira quinzena de agosto. A inscrição é gratuita e deve ser feita pelo site www.faculdadecna.com.br.

Divulgação

Cana-de-açúcar

Embrapa

Pesquisadores da Embrapa idealizaram um conjunto inovador de parâmetros, coeficientes e estratégias para o manejo eficiente e sustentável da irrigação de cana-de-açúcar cultivada no Cerrado. Trata-se do Protocolo BRCana, uma prática agropecuária de manejo de irrigação para produção de cana-de-açúcar cultivada naquele bioma. O objetivo é verticalizar a produção, reduzir o custo por tonelada e a suscetibilidade ao déficit hídrico acentuado pelas mudanças climáticas. As técnicas ainda aumentam a sustentabilidade da produção de cana-de-açúcar, por reduzir a demanda de terra e de água, inclusive como menor pegada hídrica do que na produção de sequeiro. A tecnologia recomenda o manejo da irrigação de cana-de-açúcar pelo método combinado, que adota o método via clima como base, mas conjuga a umidade do solo e o sensoriamento da planta como camadas adicionais de informação e aferição. Recomenda ainda parâmetros customizados com foco na maior eficiência do uso de água e na economicidade da produção de cana no Cerrado, incluindo o manejo nas fases de crescimento e maturação (drying-off, em inglês).

Acesse a publicação

Mulheres

A presidente da Comissão Estadual de Produtoras Rurais Faeg Mulher, Ângela Van Lieshout, integrantes da Comissão, técnicos do Sistema Faeg/Senar, juntamente a produtoras e representantes dos Sindicatos Rurais do estado de Goiás participaram do 1º Fórum da Liderança Sindical Feminina, realizado pelo Sistema CNA, em Brasília. O evento teve por objetivo aumentar a presença e a representatividade feminina no agro e no sistema sindical e reuniu cerca de 300 mulheres de 27 comissões de todos os estados.

Divulgação

Para registro

Fredox Carvalho

“Celebramos com entusiasmo a realização do 1º Fórum da Liderança Sindical Feminina pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. O evento foi um marco histórico que reconhece a crescente presença das mulheres na direção e organização de propriedades e empresas rurais. O Fórum é um passo significativo para mudanças positivas e duradouras. Continuaremos trabalhando para assegurar que nossas lideranças femininas sejam fortalecidas, contribuindo para um futuro mais justo e promissor para todos.”

José Mário Schreiner, presidente do Sistema Faeg/Senar e 1º vice-presidente da CNA

Lucas Diener

“Esse Fórum foi muito enriquecedor pois podemos entender mais profundamente como caminha a CNA, na parte institucional e política, e também um momento de muito network. Estar com todas comissões das mulheres é uma troca de experiências incrível para a comissão juntamente com as produtoras e representantes dos Sindicatos Rurais do Estado de Goiás.”

Ângela Van Lieshout, presidente da Comissão Estadual de Produtoras Rurais Faeg Mulher.

Equoterapia

No dia 3 de julho, o Sistema Faeg/Senar e o Sindicato Rural de Anápolis reinauguraram o Centro de Equoterapia Carolina Ribeiro. A equipe de Anápolis conta com terapeutas, fisioterapeuta, psicóloga e fonoaudióloga, equitadores e estagiário. O Centro atende 40 praticantes já estão matriculados, que vão receber os atendimentos de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 12h30. O Sistema Faeg/Senar conta com 32 Centros de Equoterapia no Estado e atende cerca de 1.500 praticantes. A reinauguração contou com a presença do superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges, e do presidente do Sindicato Rural de Anápolis, José Caixeta.

Fredox Carvalho

Fiagro

Fredox Carvalho

No dia 28 de junho, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e o Sistema Faeg/Senar realizaram uma reunião com técnicos de campo e produtores rurais do estado para apresentar as possibilidades de captação de recursos privados para quem atua no setor, com o Fundo de Investimento em Cadeias Agroindustriais (Fiagro). Na oportunidade foi disponibilizada a simulação de contratação de crédito e orientação sobre as documentações necessárias para conseguir o financiamento. Dentre as exigências para que o produtor tenha acesso aos recursos está o acompanhamento da Assistência Técnica e Gerencial do Senar Goiás e a validação da condição do produtor por parte do técnico de campo que o acompanha para a captação dos recursos. Os participantes receberam as boas-vindas do superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges.

Ipameri

Fredox Carvalho

O Sistema Faeg/Senar realizou, no dia 12 de julho, reunião da Comissão de Empreendedorismo Rural Familiar da Faeg, na 68ª Exposição Agropecuária de Ipameri. Representando o Sistema estiveram presentes o presidente da Comissão, Geovando Pereira, o diretor do Senar Goiás, Flávio Henrique, e o gerente da Faeg, Edson Novaes. Na pauta, discussões sobre o Plano Safra, FCO e outros temas relacionados ao setor.

Jussara

Fredox Carvalho

A abertura da 2ª edição da Agroshow de Jussara, realizada no Parque de Exposições do município, contou com a presença do vice-presidente da Faeg, Eduardo Veras, representando o Sistema Faeg/Senar, que reforçou a atuação da Federação em caminhar lado a lado dos produtores rurais e, na oportunidade, reforçou as ações em parceria com o Batalhão Rural para levar mais segurança às famílias do campo.

Mulheres em Campo

Divulgação

Goiânia vai sediar, no dia 12 de setembro, o II Encontro Mulheres em Campo. O evento, promovido pelo Sistema Faeg/Senar, visa promover a conexão e o protagonismo das mulheres envolvidas nas mais diversas cadeias produtivas do agronegócio.

Sistema S

Fredox Carvalho

O superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges, recebeu, no dia 2 de julho, representantes do Senac Goiás para discutir integração de iniciativas e programas focados na criação de novas ideias e na transformação digital no agronegócio, como o Desafio AgroStartup e o Acelera Campo, do Sistema Faeg/Senar.

Panorama do ciclo pecuário do valor da arroba do boi nos últimos seis anos e perspectivas para 2025

Frederico Sousa Balestra *é médico veterinário, especialista em Reprodução de Bovinos/ Nutrição de Ruminantes e especialista técnico do programa ATeG do Senar Goiás*

O ciclo pecuário do valor da arroba do boi é influenciado por fatores que variam ao longo do tempo, tanto em nível nacional quanto internacional. Nos últimos seis anos, o mercado de bovinos demonstrou flutuações consideráveis, refletindo a dinâmica complexa da oferta e demanda, políticas econômicas e eventos globais.

O ciclo de produção pecuária segue um padrão, no qual a oferta de animais para abate aumenta e diminui em intervalos. A fase de alta oferta geralmente ocorre após um período de retenção de matrizes, quando os pecuaristas aumentam seu rebanho. Isso é seguido por um período de abate elevado, reduzindo a oferta e elevando os preços da arroba. A seca e outros fenômenos climáticos afetam a disponibilidade de pasto e água, influenciando diretamente a condição dos animais e os custos de produção. Em anos de seca, a oferta de animais para abate pode aumentar devido à falta de recursos, pressionando os preços para baixo, a exemplo do ocorrido em 2022 e 2023. Subsídios, impostos e políticas de exportação/importação impactam também diretamente o mercado. Por exemplo, incentivos à exportação podem reduzir a oferta interna, aumentando os preços da arroba.

A China tem sido um grande comprador de carne bovina brasileira, influenciando os preços. A peste suína africana, que dizimou rebanhos de suínos na Ásia, elevou a demanda por carne bovina, impulsionando os preços internacionais e os preços internos no Brasil. A pandemia teve um impacto significativo, causando disrupções na cadeia de suprimentos e alterando padrões de consumo. A incerteza econômica inicial reduziu a demanda, mas a recuperação econômica e a adaptação das operações industriais levaram a um aumento nos preços da arroba.

Entre 2018 e 2019, houve aumento gradual na oferta de animais devido à recuperação de pastagens e condições climáticas favoráveis. A demanda internacional, principalmente da China, começou a crescer e houve um moderado aumento nos preços da arroba do boi, influenciado pela crescente exportação e pela demanda interna estável. No ano seguinte, a desvalorização do real frente ao dólar tornou a carne bovina brasileira mais competitiva no mercado internacional, o que favoreceu a alta demanda chinesa em 2021 e manteve os preços elevados, mesmo com o aumento da oferta interna. Os dois últimos anos foram marcados por maior oferta devido à fase de ciclo de abate elevado. A produção pressionou os preços para baixo.

Perspectiva para 2025

Vários fatores influenciam o mercado, como a recuperação da economia chinesa, e a demanda contínua por proteínas de qualidade podem sustentar ou até aumentar as exportações. O Brasil tem expandido seus mercados de exportação para países como Estados Unidos, Arábia Saudita e membros da União Europeia. A diversificação pode ajudar a manter alta a demanda por carne bovina brasileira. A continuidade de políticas que incentivam as exportações de carne pode manter a competitividade da carne bovina brasileira no mercado global.

Novos acordos comerciais e a redução de barreiras tarifárias podem abrir mercados para a carne bovina brasileira, aumentando a demanda e, consequentemente, os preços. A fase atual do ciclo de produção indica um possível aumento na oferta de animais para abate em 2024, o que pode manter os preços estáveis ou ligeiramente baixos. Com o aumento da demanda previsto para 2025, pode haver um equilíbrio que sustente ou eleve os preços. Avanços tecnológicos, como a melhoria das técnicas de manejo e nutrição, podem aumentar a eficiência da produção e impactar a oferta. No entanto, a demanda por carne premium e orgânica pode compensar essa mudança, mantendo o mercado aquecido. Lembrando da atenção que o produtor deve ter com as condições climáticas.

Dado o cenário atual e as tendências projetadas, há perspectiva positiva para aumento no valor da arroba do boi em 2025, especialmente se a demanda internacional continuar crescendo e as políticas de incentivo à exportação permanecerem favoráveis. Compreender os ciclos pecuários e as flutuações de oferta e demanda é crucial para a gestão eficiente da propriedade. A análise constante dos preços e das políticas econômicas permite que os produtores ajustem suas estratégias de produção, otimizando os custos e maximizando os lucros. A gestão eficaz dos custos de produção, incluindo alimentação, mão de obra e infraestrutura, é essencial para manter a sustentabilidade do negócio em um mercado volátil. Uma gestão focada nos custos de produção é fundamental para enfrentar os desafios impostos pelas flutuações do mercado. A análise contínua das tendências de preços, políticas econômicas e condições climáticas ajuda os produtores a tomar decisões informadas, garantindo a viabilidade econômica de suas operações a longo prazo.

Campo Limpo de Goiás
Pilotagem de drones

Divulgação

O Sindicato Rural de Anápolis e o Senar Goiás realizaram de 8 a 10 de julho, em Campo Limpo de Goiás, o treinamento de Pilotagem de Drones. Participaram oito pessoas, que receberam informações sobre segurança e saúde do trabalhador, fundamentos e aplicação do drone, partes básicas do drone, técnicas de voo com drones, legislação, partes básicas de um drone multirrotores, entre outros.

Joviânia
Informática Básica

Divulgação

O Sindicato Rural de Joviânia e o Senar Goiás realizaram nos dias 10 e 11 de julho o treinamento de Informática Básica. Participaram 18 pessoas, que receberam informações sobre postura correta para uso de computador, introdução à informática, hardware e software, processos de texto word, ergonometria, agrotecnologias, funções básicas do excel, funções básicas do power point, introdução à manutenção de computadores, entre outros.

Itumbiara
Manejo Integrado de pragas na cana-de-açúcar

Divulgação

O Sindicato Rural de Itumbiara e o Senar Goiás realizaram nos dias 1º e 2 de julho o treinamento de Manejo Integrado de Pragas na Cana-de-Açúcar. Participaram 14 pessoas, que receberam informações sobre principais pragas na cultura da cana-de-açúcar, prejuízos causados pelo ataque de pragas, quantidade de pontos amostrais no talhão, apresentação dos dados da amostra, custo de controle de pragas na cana, entre outros.

Formosa
Bioinsumos

Divulgação

O Sindicato Rural de Formosa e o Senar Goiás, em parceria com a Abrasgrãos Formosa, realizaram nos dias 29 e 30 de junho o treinamento de Bioinsumos. Participaram 14 pessoas, que receberam informações sobre aspectos gerais dos microrganismos, fixação biológica de nitrogênio, fungos micorrízicos, promoção do crescimento vegetal por bactérias, uso de organismos na biorremediação de áreas contaminadas, proteção de plantas a partir da ação de microrganismos, entre outros.

Mossâmedes

Marcos C. Queiroz – Presidente

Processamento Artesanal de Leite

Divulgação

O Sindicato Rural de Mossâmedes e o Senar Goiás realizaram de 4 a 6 de julho o treinamento de Processamento Artesanal de Leite. Participaram nove pessoas, que receberam informações sobre importância da higiene e segurança no processamento de alimentos, pasteurização do leite, produção artesanal de queijo muçarela, produção artesanal de queijo frescal, frescal temperado e meia-cura, produção artesanal de ricota, entre outros.

Iaciara
Construções na Tecnologia de Tanques de Ferrocimento

Divulgação

O Sindicato dos Produtores Rurais de Iaciara e o Senar Goiás realizaram de 3 a 6 de julho, na Comunidade Quilombolas, no Povoado Levantado, em Iaciara, o treinamento de Construções na Tecnologia de Tanques de Ferrocimento. Participaram 14 pessoas, que receberam informações sobre meio ambiente, ética e cidadania, contextualização da tecnologia de ferrocimento, cálculo do volume e densidade do tanque, avaliação do local, telas para paredes, base de concreto do fundo e sistema de abastecimento, entre outros.

Um plano aquém do que era esperado e necessário

José Mário Schreiner

é presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) e vice-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)

Alexandra Lacerda I alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Um dos momentos mais aguardados pelo setor produtivo brasileiro é o lançamento do Plano Safra, também conhecido como Plano Agrícola e Pecuário (PAP). Este ano, embora com alguns dias de atraso, o pacote de medidas trouxe linhas específicas para fortalecer a produção no País. No entanto, sua chegada não impactou positivamente os atores das cadeias produtivas brasileiras, gerando um misto de preocupação e insatisfação em relação ao valor disponibilizado, às taxas de juros e a outros fatores. O presidente do Sistema Faeg/Senar e vice-presidente da Confederação Nacional da Agricultura do Brasil (CNA), José Mário Schreiner, esteve presente na entrega do documento elaborado anualmente pela CNA, que oferece informações sobre as necessidades do setor para a elaboração do Plano Safra. Em conversa com a Revista Campo, Schreiner apresenta um panorama de como as instituições e os produtores que representam enxergam a aplicabilidade desses recursos.

Fredox Carvalho

1 O Plano Agrícola Pecuário 2024/25 atendeu as demandas do setor?

O Governo Federal trouxe para o Plano Safra 24/25 pouco mais de R$ 400 bilhões para agricultura empresarial e R$ 76 bilhões para agricultura familiar. Em relação à taxa de juros, houve pouquíssimas alterações. Além disso, foi divulgado um aumento modesto nos recursos para o seguro rural. Diante destes pontos, ficou claro que o PAP 2024/25 ficou bem abaixo da expectativa e da necessidade do setor produtivo.

2 O que foi solicitado pela CNA em relação ao PAP 2024/25?

De modo geral, foi solicitado disponibilizar R$ 570 bilhões em recursos financiáveis do PAP 2024/2025, garantir suplementação de R$ 2,1 bilhões ao Seguro Rural em 2024, totalizando R$ 3 bilhões, e R$ 4 bilhões para 2025. Além disso, solicitou-se redução nas taxas de juros nos principais programas do crédito rural oficial. Por fim, foi solicitado que os recursos anunciados estejam disponíveis ao longo de toda a safra, algo que não ocorreu na safra 2023/24.

3 Dos recursos disponibilizados para agricultura empresarial, o que foi divulgado para custeio, comercialização e investimento?

Para custeio e comercialização, os recursos são do montante de R$ 293,29 bilhões, 7,8% maior do que a safra anterior, que foi de R$ 272,12 bilhões. Para os investimentos, o valor anunciado foi de R$ 107,30 bilhões, valor 16,50% maior do que a safra 2023/2024, quando foi de R$ 92,10 bilhões. No entanto, foi solicitado R$ 359 bilhões para custeio e comercialização e R$ 111 bilhões para investimentos.

4 Na divulgação do PAP 2024/25, o Ministro Carlos Fávaro anunciou que além dos R$ 400 bilhões, um complemento de R$ 108 bilhões será em recursos oriundos de Letras de Crédito do Agronegócio (LCA). Qual a sua visão sobre este anúncio?

As LCAs são títulos bancários emitidos pelas entidades financeiras com lastro em empréstimos para atividade agropecuária. De acordo com o Manual de Crédito Rural (MCR), 50% dos recursos captados pelos bancos devem ser, obrigatoriamente, direcionados em operações de crédito rural. No entanto, estes recursos são emprestados aos produtores a taxas livremente pactuadas, ou seja, não são recursos que chegam ao produtor com taxas subsidiadas de 12% ou 8% ao ano, para grandes e médios produtores, respectivamente. Desta forma, este montante de R$ 108

Fredox Carvalho

bilhões pouco acrescenta quando observamos o principal objetivo da política pública do crédito rural, que é o financiamento à taxa de juros condizentes com a atividade.

5 Em relação a estas fontes de recursos, livres e controlados, como foi estruturado o PAP 2024/25?

Este foi um dos pontos que mais chamou atenção no PAP 2024/25. Dos recursos divulgados para agricultura empresarial, R$ 400 bilhões, mais da metade, R$ 211 bilhões são recursos que serão emprestados com taxa de juros livres e somente R$ 189 bilhões serão aplicados com taxa de juros controladas. Em comparação ao Plano Safra passado, os recursos à taxa de juros livres cresceram R$ 33 bilhões, ou seja, 19%, e os recursos a juros controlados praticamente foram os mesmos do ano anterior. Assim, fica claro que o crescimento do Plano Safra 24/25 teve como base recursos que serão emprestados a juros acima de 20%, ou seja, juros bem acima do que o setor espera e precisa. Fazendo um rápido cálculo, se de 2023 para 2024, a taxa de juros básica da economia decaiu, e os recursos disponibilizados pelo governo a juros controlados são os mesmos, o Planalto deverá gastar menos com equalizações do que no ano anterior.

6 Sobre o Pronaf, houve avanços?

Para agricultura familiar, houve um crescimento de recursos de 6%, o que é bastante favorável, colocando à disposição dos pequenos produtores R$ 76 bilhões em crédito. Sem sombra de dúvida, é um avanço, já que diferente dos recursos do Plano Safra empresarial, a totalidade destes recursos são emprestados a juros controlados. No entanto, o setor esperava algo próximo a R$ 100 bilhões para atender toda a demanda do setor. Algo que foi esperado também foi uma redução na taxa de juros, algo que veio apenas em alguns programas específicos do Pronaf Investimento e para dois grupos menores no Pronaf Custeio, produtos da cesta básica e produtos da sócio biodiversidade, que utilizam, de forma geral, um volume menor de recursos.

7 O Governo Federal repetiu neste Plano Safra a proposta de rebate de 1% na taxa de juros no financiamento de sistemas de produção ambientalmente sustentáveis. Qual a sua visão sobre isso?

Qualquer estratégia que vise promover a melhoria do processo produtivo no campo, consolidando o Brasil como referência em agricultura sustentável é crucial. Sendo assim, a CNA solicitou a continuidade deste benefício, com algumas melhorias. No sistema atual, para obter este benefício, o produtor rural deve ter o CAR analisado e em conformidade, obtendo assim um rebate de 0,5% na sua taxa de juros, e para e aqueles produtores rurais que adotam práticas agropecuárias consideradas mais sustentáveis, há mais uma redução de 0,5%. No entanto, o número de propriedades do Brasil que possuem CAR analisado é bastante baixo e o critério para obtenção de práticas sustentáveis são limitados aos seguintes critérios: tenham contratado linhas do RenovAgro [desde quando o programa ainda se chamava ABC] nos últimos 5 anos, que tenham produção de orgânicos certificada pelo Ministério da Agricultura, ou por outras entidades credenciadas pelo Mapa, ou ainda que apresentem certificações de produção integrada (PI Brasil-Mapa) ou de boas práticas agrícolas (BPA-Mapa). Desta forma, este benefício se torna bastante limitado. Sendo assim, a CNA solicitou que o uso de bioinsumos passassem a fazer parte destes critérios para serem beneficiados e que a comprovação se desse de forma mais simplificada, como atestado técnico dos projetistas de crédito rural, certi-

> **Além do aumento do volume de recursos e da correção nas taxas de juros, é fundamental que os recursos cheguem à ponta, ou seja, sejam de fato disponibilizados para o produtor.**

ficados sem custos ao produtor e comprovação de adesão aos programas de boas práticas.

8 Falando de crédito para investimentos, houveram avanços?

Analisando os recursos para investimento, o único programa que obteve redução na taxa de juros foi o Moderfrota, saindo de 12,5% para 11,5%. Vale salientar que este programa era o que tinha a taxa de juros mais elevada em todo crédito rural. Do restante, foram mantidas as taxas de juros. Outro ponto que chamou a atenção foi a redução do prazo máximo dos financiamentos do programa PCA e ProIrriga, que saíram de 12 e 10 anos, respectivamente, para 10 e 8 anos, este último teve ainda seu prazo de carência reduzido para apenas um ano, antes eram dois. Por fim, apesar de ter sido divulgado um aumento de recursos, 17%, este crescimento não foi nos recursos com juros controlados equalizados, ou seja, que possuem taxa de juros menores, mas sim nos juros controlados e não equalizados, o seja, que juros acima da necessidade do setor. O único avanço em questão está no aumento dos limites por beneficiários nos programas Inovagro, Moderagro, ProIrriga e PCA, este último apenas no caso de cooperativas, que passam ter um limite de R$ 200 milhões.

9 Falando mais de seguro rural, o que o PAP 2024/25 trouxe?

O seguro rural focou muito no Rio Grande do Sul, retrato de toda dificuldade passada por aquele estado, com objetivo de aumentar a área assegurada. Houve aumento no percentual de subvenção nos municípios de calamidade e em situação de emergência, assim como os municípios gaúchos não afetados. Porém, tratando de recursos para seguro rural, o incremento foi menor do que esperado, o montante de R$ 1,16 bilhões divulgados está bem aquém do valor solicitado pelo setor que foi da ordem de R$ 3 bilhões para 2024 e R$ 4 bilhões para 2025.

10 Na sua visão, qual melhoria é necessária no crédito rural para a safra 24/25?

Além do aumento do volume de recursos e da correção nas taxas de juros, é fundamental que os recursos cheguem à ponta, ou seja, sejam de fato disponibilizados para o produtor. Em uma análise feita pela Gerência de Estudos Técnicos e Econômicos da Faeg (Getec), nas últimas sete safras, apenas em duas os volumes de recursos aplicados no crédito rural foram superiores aos planejados. Na safra 2023/24, por exemplo, foram anunciados R$ 435 bilhões, tanto para agricultura familiar como empresarial, e até maio foram aplicados R$ 382 bilhões, ou seja, até o momento, pouco mais de R$ 50 bilhões não chegaram à mão do produtor. Tal fato se deve a excessiva burocracia, a dificuldade no sistema de garantia, sobretudo ao pequeno produtor, ao elevado custo administrativo e tributário para obtenção do crédito, dentre outros fatores. Assim, solicitamos como diretrizes fundamentais no fortalecimento das políticas agrícolas, uma maior facilidade e um menor custo para acesso ao crédito.

11 Em relação ao crédito privado, há algo a pontuar?

Cada vez mais, o sistema de crédito privado avança para complementar o custeio do produtor. De acordo com o Programa Campo Futuro, em Rio Verde, na safra 2022/23, 25% do custeio do produtor ocorreu por meio de cooperativas e revendas, atrás das famosas trocas, ou Barter. Esta é uma realidade, principalmente com o avanço do mercado de capitais no agro. No entanto, há uma necessidade de aproximação entre estes dois mundos, produtor rural e mercado de capitais, assim é essencial que haja políticas públicas e iniciativas privadas que incentivem a inclusão de todos os segmentos da agropecuária brasileira no mercado de capitais, garantindo, assim, um desenvolvimento sustentável e equitativo do setor.

Flores de Goiás também é terra de frutas

Produtor que faz parte do Projeto de Fruticultura Irrigada do Vão do Paranã alcança bons resultados por meio da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás

Revana Oliveira I revana@sistemafaeg.com.br

Edgar Sousa dos Santos mostra maracujás cultivados em sua propriedade

Divulgação

A 440 quilômetros de Goiânia, no município de Flores de Goiás, no Nordeste do Estado, Edgar Sousa dos Santos aproveita cada metro quadrado dos 21 hectares da propriedade. Três deles são ocupados por plantas frutíferas. O maracujá está em plena produção. Manga, caju e açaí ainda estão em desenvolvimento e são as próximas apostas. Ele nasceu na roça, no Maranhão, passou quase toda a juventude no estado, depois foi para Brasília, onde trabalhou como pedreiro. Mas o sonho sempre foi voltar para o campo. Realização que conseguiu há seis anos, quando foi beneficiado com um lote de terras pela reforma agrária.

"Eu saí da roça, mas nesse curto período em que trabalhei como pedreiro, sempre dizia que a roça nunca saiu de mim e foi uma grande alegria quando retornei tendo meu pedaço de chão. Inicialmente, eu comecei a plantar hortaliças, mas passei a me interessar por fruticultura e resolvi participar do Projeto de Fruticultura Irrigada do Vão do Paranã. É um projeto do Governo de Goiás e tem vários parceiros. Por exemplo, a Codevasf [Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba] realizou a doação da estrutura de irrigação e espaldeira para um hectare de maracujá e a irrigação para um hectare de manga, e nós os produtores, realizamos um financiamento para custear as demais despesas da implantação desta área, no valor de R$ 40 mil. Eu me animei em entrar nesse negócio, porque um dos parceiros do projeto é o Senar Goiás. E é com ajuda do técnico de campo, Álvaro Mota, que estou indo bem com o acompanhamento da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG)", explica Edgar.

O produtor passou a ser assistido pelo Senar Goiás em fevereiro de 2022. Na época, o técnico de campo que o atendia era o Luiz Francinelio, que o acompanhou até 2023, quando Álvaro Mota assumiu. "A assistência técnica do Senar acompanha o produtor do início à implantação do projeto em sua propriedade, auxiliando com adubação de cobertura, controle de pragas e doenças, manejo de condução da lavoura.

Assim como o acompanhamento da parte gerencial de comercialização dos produtos. Atualmente, ele está com o talhão de manga com 10 meses de plantio, onde apresenta um bom desenvolvimento inicial. Já o talhão de maracujá está com nove meses de plantio e já está em fase de produção, sendo que foi plantado no mês de outubro e iniciou a colheita no mês de março de 2023, estando com cinco meses de plantio. Até o momento já foram colhidas mais de 10 toneladas de frutos de maracujá e já gerou uma renda bruta superior a R$ 40 mil", detalha Álvaro.

O manejo das plantas é feito pelo Edgar e pela esposa Luciana Sousa. Ela ajuda em todas as etapas, mas em especial na polinização das flores. Após a colheita, depois que uma parte das frutas é vendida in natura, ela aproveita a outra para a fabricação de polpas, ampliando assim as possibilidades de lucro do casal.

"Nós estamos muito felizes com os resultados que estamos tendo. Já melhoramos nossa vida desde que começamos a colher o maracujá. As orientações do Senar no controle de pragas, na adubação são essenciais para uma boa produção. Mesmo que a gente cresça na roça plantando, cada cultura tem suas exigências e quando se fala de fruta, tem muitas coisinhas que se a gente não se atentar pode significar prejuízo. Ainda mais que é uma área que exige muita mão de obra, o que na região não é fácil de encontrar. Então, estamos indo bem com esse acompanhamento do Senar", reforça Edgar.

A ATeG do Senar Goiás, neste projeto, tem foco em adubação, manejo fitossanitário, condução da lavoura e na parte gerencial. Também é realizado o planejamento para que o produtor possa alcançar melhor resultado nestes dois anos de ATeG. "Foi implantado também uma área de 0,5 hectares de açaí na propriedade do Edgar em meados do ano de 2022. Atualmente, as plantas apresentam um bom desenvolvimento e devem iniciar a produção em 2025, com mais uma fonte de renda", relata o técnico de campo.

O Senar Goiás está sempre estimulando o crescimento da fruticultura no estado de Goiás. Os interessados podem buscar a assistência, que é gratuita no Sindicato Rural de cada município. É oferecida em duas modalidades: uma para a área de cultivo e outra para o beneficiamento das frutas, por meio da agroindústria. Há ainda cursos técnicos com duração de dois anos e meio, os de qualificação que podem ser feitos em até uma semana, além de opções em EaD. Para conhecer acesse os sites: https://sistemafaeg.com.br/senar/cursos-e-treinamentos/fruticultura; https://etec.senar.org.br/ e https://ead.senargo.org.br/programa/producao-vegetal

Divulgação

Divulgação

Áreas de plantio de manga e açaí

Divulgação

Edgar Sousa e o técnico de Campo do Senar Goiás, Álvaro Mota, em área que passou por assistência técnica da entidade

Bovinocultura de leite cada vez mais eficiente

Produtores de Goiás são exemplo de como investimentos em gestão e tecnologia podem ampliar produtividade e a qualidade do produto final

Alexandra Lacerda I alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Durante muitos anos, o produtor Márcio Ribeiro Pinto dividiu a atividade na propriedade rural de 264 hectares, localizada a 21 quilômetros de Itapuranga (GO), com o trabalho em uma instituição financeira. Ao se aposentar, resolveu investir na conciliação do gado de corte com a produção de leite para ajudar nas despesas da fazenda. "Começamos, aqui, com uma produção bem pequena, em torno de 30 litros de leite, para poder pagar pelo menos os funcionários. Fomos crescendo a produção, que saltou de 50 para 100, até 1.000 litros dia. Quando aposentei, já estávamos produzindo uns quatro mil litros de leite. Com maior tempo para trabalhar a gestão de todo o processo e me dedicar junto com minha esposa e meu filho, conseguimos chegar aos 14 mil litros de leite dia, nesses 21 anos dedicados à pecuária leiteira", conta o produtor.

Segundo Márcio, um processo de seleção genética proporcionou a melhoria da produtividade. Há 15 anos, não entra nenhum animal de fora da fazenda para o plantel. A produção é própria, um desafio no início, mas que deu certo. Dos 780 animais divididos em cria, recria e produção, 336 estão em lactação. Outro trabalho que tem sido feito, com a chegada do período de estiagem e a antecipação da silagem, é conseguir manter os resultados, demonstrando a importância da gestão.

"Observamos que, na realidade, toda fazenda de leite que é melhor gerida e tecnificada, trabalha muito mais redondinha no período seco. Até porque nossos animais estão 100% estabulados. Assim, eu tenho uma necessidade de 10.500 toneladas de silagem por ano e trabalhamos em cima disso, a programação. Estamos com cerca de 33% de produção e silagem a mais. Nosso objetivo é que, no terceiro ano, nós tenhamos uma safra a mais armazenada, isso é uma segurança alimentar. O ano passado, obtivemos a média de 40 quilos de leite e isso nos favoreceu bastante a atravessar esse período de instabilidade do mercado", conta o produtor.

O trabalho de tecnificação teve início com os cursos que o produtor e o filho, que hoje é engenheiro agrônomo, buscaram para qualificação a atuar no campo. Toda capacitação fez com que o produtor

Fredox Carvalho

Produtor Márcio Ribeiro e família na propriedade deles em Itapuranga, que recebeu investimento em tecnificação

entendesse que esse é o único controle que ele pode ter sobre a atividade. A sucessão familiar acontece de forma que Márcio Filho participa da tomada de decisão na propriedade. "Isso ocorre de forma natural, trabalhamos juntos e sempre conversamos sobre quais atitudes a serem tomadas. É um processo complexo, que influencia diretamente nos investimentos dentro da propriedade. É necessária muita compreensão de ambas as partes sobre pontos de vistas diferentes, tendo em mente sempre entrar em concordância para que a propriedade saia ganhando. Aqui, quem define na fazenda o que tem que fazer é o fluxo de caixa, por isso a gente tem na ponta da caneta exatamente quanto é o custo de produção. É em cima dele, por exemplo, que nós investimos nas mudanças na fazenda. O preço que vamos vender o leite, não temos condição de interferir, é o mercado que dita o preço. Estamos crescendo, apesar de toda dificuldade do mercado, por causa da gestão que nós fazemos", comemora Márcio Filho.

Eles fazem parte dos números que dão a Goiás o 5º lugar de maior produção leiteira do País, com 3 bilhões de litros e crescimento estimado em 2023 de 1,5%, segundo dados da Pesquisa de Pecuária Municipal (PPM 2022). O supervisor de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) Senar Mais Leite/Mais Carne, Gustavo Lourenzo, analisa que a gestão da propriedade, custo de produção, controle leiteiro com o correto fornecimento da dieta dos animais e arraçoamento racional, que proporciona maior controle no processo de alimentação, armazenagem, preparação e dosagem são as maiores ferramentas necessárias para o crescimento da atividade e ampliação dos números na representação no País. "O gasto com alimentação pode superar 50% das receitas, utilizando 35% de concentrado e o volumoso superar 20% desse valor. Vale ressaltar que o Senar Goiás é um exemplo de acesso gratuito a todos esses serviços, pois pecuária leiteira está entre as doze cadeias produtivas atendidas, no qual nos dois anos um técnico de campo estará visitando a propriedade, orientando o produtor sobre a divisão dos lotes para que os animais recebem alimentação conforme a sua produção e os dias em lactação – DEL; o produtor assistido terá acesso ao sistema (SISATEG) que realiza o controle gerencial e zootécnico da atividade; a gestão econômica permite o produtor ver sobre os seus custos de produção auxiliando na tomada de decisões futuras da propriedade", afirma o supervisor.

Diversos aplicativos podem ajudar com orientação técnica através de medidores eletrônicos do leite, permitindo aumentar a frequência do controle leiteiro e até mesmo facilitar o manejo do procedimento. Ouvindo as demandas dos produtores rurais, o Sistema Faeg/Senar/Ifag desenvolveu o aplicativo Leite Bem, por meio do Hub de inovação Campo Lab. "O produtor consegue um foco especial na divisão dos animais por lotes para facilitar o cálculo ideal de ração, traz ainda um painel completo com informações da propriedade, pesagens da produção de leite diária de cada vaca em lactação, entrega de leite com faturamento por laticínio e gestão de rebanho com evolução por estágio. Os pilares trabalhados são identificação individualizada dos animais, evolução do rebanho, registro de peso por animal e tomada de decisão na nutrição", explica o diretor de TI do Sistema Faeg/Senar, Pedro Camilo.

Supervisor de ATeG do Senar Mais Leite/Mais Carne, Gustavo Lourenzo explica que diversas ferramentas podem ser aplicadas na atividade para melhoria da gestão

Divulgação

Robôs em campo

Uma das tecnologias que contribui para um sistema de produção de leite mais eficiente, e que avança no Brasil, é a ordenha robotizada. Apesar do alto investimento, os benefícios são evidentes como melhora na qualidade de vida dos animais, suprir a escassez de mão de obra e aumento da produtividade, além da emissão de relatórios detalhados da ordenha, com informações sobre sistemas de alimentação automatizados, a quantidade e qualidade do leite, saúde da vaca, e até mesmo detecção precoce de possíveis doenças e prenhez que auxiliam na gestão do negócio.

O produtor Cláudio Pereira, da Fazenda Coqueiral, em Orizona, cidade localizada na região da Estrada de Ferro, Sul do Estado de Goiás - destaque nacional na produção de leite -, é um exemplo de que o pequeno pode se tornar grande, mesmo em uma pequena propriedade. O início na atividade foi há 32 anos em cinco alqueires doados pelo pai, com apenas quatro vacas e uma bicicleta para ir todos os dias cuidar dos animais. Ele conta que era chamado de 'papa curso', porque todos do Senar Goiás ele fazia. Aprendeu que a grande virada viria com a utilização do Compost Barn. Começou há um ano, com 60 animais, e hoje está com 80 vacas com a robotização da ordenha e tem a meta de chegar a 100 animais. Depois de uma visita ao Sul do país, retornou encantado e disposto a investir na robotização da ordenha.

"Um rapaz que me dava assistência de ordenha parou de trabalhar e foi mexer com a parte de robô. Na época, eu até brinquei com ele, que

Produtor Cláudio Pereira é exemplo de como o pequeno produtor pode ser grande na atividade pecuária

Divulgação

eu não tinha medo de tecnologia, que o problema era arranjar o dinheiro para pagar. A gente pegava um Pronaf [Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar] que era de R$ 200, R$ 300 mil, e um robô desse seria quase R$ 2 milhões. Retornei do Paraná, fui nos bancos, consegui o financiamento, pelo FCO Leite, aí a gente resolveu apostar na ideia e graças a Deus está dando certo", comemora o produtor.

Ele reforça que toda a aquisição foi baseada em análise da gestão da propriedade, que indicou que os dez anos para pagamento do financiamento poderiam ser pagos em seis anos. Mas ele trabalha com uma projeção de oito anos para quitação da dívida mesmo com as variações de mercado que podem acontecer.

Após a transição para a ordenha robotizada, oportunidades para focar em outras áreas importantes do negócio passaram a existir. Sanou um grande problema enfrentado com a falta de mão de obra especializada e uma das principais vantagens foi o manejo de vacas em sistema de fluxo livre, no qual elas escolhem quando comer, beber, descansar ou ir à ordenha. Essa liberdade de escolhas confere às vacas maior tempo de alimentação e descanso, benefícios que, somados ao aumento da dedicação em aspectos como a saúde e fertilidade do rebanho, trazem mais longevidade, otimizam a produção e reduzem as taxas de descarte.

"As vacas acessam o robô de maneira natural. Se adaptaram muito bem ao sistema, que ainda me oferece 60 análises detalhadas, desde o que cada animal comeu, quanto produziu, a necessidade de adequação da dieta, entre outros dados importantes para entender minha gestão e produção", avalia. "Enquanto o pessoal está aí batendo com 30, 35 litros por dia, de média, por animal, graças a Deus eu estou fechando média de 40 litros por dia, e vamos chegar a média de 45 litros por dia, e tirar 4.500 litros de leite com 100 vacas. As pessoas admiram o tamanho da minha propriedade, eu sempre falo que não precisa de terra grande, você precisa fazer comida e a parte de gestão, para isso investimentos também têm que acontecer pra que venha o resultado", certifica Cláudio.

Os recursos utilizados pelo produtor Cláudio Pereira vieram do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO) que criou, em 2023, com apoio técnico da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), a Linha de crédito FCO Leite com juros menores de 7,46% contra as taxas de 9,05% à 12,00% das demais linhas do FCO. Os prazos também foram adequados à realidade dos produ-

Presidente da Faeg, José Mário Schreiner, e governador Ronaldo Caiado em solenidade de assinatura do decreto vetou os incentivos e benefícios fiscais para produtos lácteos importados

Fredox Carvalho

tores de leite e já há mais recursos disponibilizados desde junho.

A Faeg também desenvolveu várias ações para contribuir com o setor, entre elas, em março deste, juntamente com o governador Ronaldo Caiado, o presidente José Mário Schreiner anunciou uma importante iniciativa para o estado de Goiás, que através de um decreto do governo do estado vetou os incentivos e benefícios fiscais para produtos lácteos importados, direcionando-os exclusivamente para fomentar a produção local. “A busca por soluções para os desafios enfrentados pelo produtor de leite é um trabalho contínuo e coletivo. Essa medida efetiva incentiva e beneficia o leite goiano e brasileiro, servindo como modelo para ser replicado em todo o país. Goiás está um passo à frente na valorização dessa importante cadeia produtiva," destacou Schreiner.

Este ano, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJC) da Câmara dos Deputados aprovou a redação final do Projeto de Lei nº 952/2019, de autoria de José Mário Schreiner, mais uma conquista do seu legado enquanto parlamentar. "Esse projeto busca estabelecer regras claras sobre o prazo mínimo de validade do leite em pó importado, protegendo nossos produtores de práticas comerciais desleais," explicou ele. "É fundamental que continuemos defendendo, valorizando e criando políticas públicas que garantam a sustentabilidade e o crescimento do setor lácteo. O produtor de leite merece nosso apoio e reconhecimento por sua contribuição essencial à economia e à alimentação de nosso país," concluiu Schreiner.

Fredox Carvalho

Superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges destaca que a instituição oferece diferentes cursos de capacitação voltados para a pecuária

Quando se fala em tecnificação para atuar no campo, fica clara a importância dos cursos para que a mão de obra esteja preparada para apoiar os produtores e gerar mais renda para as famílias que vivem o agronegócio do estado. O Senar Goiás, sempre à frente na capacitação profissional do setor agropecuário, atende a demanda que vem do campo. Recentemente, foi lançado o curso Nutrição de Bovinos de Leite na Era da Pecuária 4.0. “Este curso gratuito e totalmente on-line capacita produtores rurais, técnicos agropecuários, estudantes e profissionais do setor agro para as práticas na nutrição de bovinos de leite sobre as mais modernas práticas, promovendo práticas sustentáveis e economicamente viáveis, para melhorar a saúde e a produtividade dos rebanhos leiteiros. Lembrando que existem outros cursos como, operação e manutenção de ordenhadeira mecânica, bovinocultura de leite, qualidade do leite, gestão e produção de pastagens, alimentação de bovinos de leite, entre outros que preparam os profissionais para atuarem nas fazendas em todo o manejo”, informa o superintende do Senar Goiás, Dirceu Borges. O superintende pontua ainda que as matrículas são gratuitas e podem ser realizadas no caso do EAD, diretamente no site do portal de Educação a Distância do Senar Goiás (EaD Senar Goiás). Os cursos presenciais são realizados através dos Sindicatos Rurais dos municípios.

Interleite 2024

Goiás irá sediar um dos eventos mais importantes do setor lácteo, nos dias 14 e 15 de agosto. Trata-se do Interleite Brasil 2024, que será realizado no Centro de Convenções de Goiânia. Com o tema "A Hora da Profissionalização no Leite", o evento reunirá produtores, pesquisadores, empresas e especialistas para discutir as mais recentes inovações e os principais desafios da indústria. “Iremos abordar questões que envolvem, por exemplo, as novas agendas, como a questão ambiental, que apresenta oportunidades e desafios, e as novas tecnologias, como a inteligência artificial na produção de leite”, complementa o CEO e Founder da MilkPoint Ventures, Marcelo Pereira de Carvalho. Mais informações na página https://www.interleite.com.br/.

Fredox Carvalho

Brasil tem capacidade para suprir o planeta com energias renováveis

Conheça o programa e os principais entraves do mercado de carbono nacional. Startup criada no Sistema Faeg/Senar auxilia produtor rural a gerar e comercializar crédito de carbono

Malu Cavalcante I malu.cavalcante@senar-go.com.brbr

Não é novidade afirmar que o Brasil é um gigante mundial no que tange à produção de alimentos. Mas, o que poucos sabem, segundo o professor Marcos Fava Neves, especialista em planejamento estratégico do agronegócio, é que o País ocupa outra liderança. Trata-se da capacidade produtiva para suprir o planeta com energias renováveis. "Temos chance de ser protagonistas do cobiçado mercado carbon friendly. Vamos comandar a transição das fontes poluentes de energia para as fontes renováveis", explica.

De acordo com ele, essa vantagem competitiva aguça o olhar estrangeiro para desenvolvimento dos biocombustíveis. "As turbinas de avião estão virando clientes da cana-de-açúcar nacional e o mercado internacional acena com interesse brutal nas oportunidades de negócio advindas da nossa matriz energética", destaca Fava Neves.

Outro especialista em decodificar o cenário das exportações e as macrotendências do agro brasileiro, o consultor e segundo vice-presidente da Faeg, Enio Fernandes, concorda com o professor Marcos Fava. "O planeta é um demandante contumaz de alimentos e combustível sustentável. Acredito que os nossos biocombustíveis podem abastecer os veículos terrestres, navios e aviões", sinaliza ele, que também é presidente da Associação dos Produtores de Matérias-Primas para as Indústrias de Bioenergia de Goiás (APMP Bioenergia). "Observe que o crescimento da produção dos biocombustíveis, como etanol, biodiesel e biometano, acontece paralelamente à expansão das energias solar e eólica. O Brasil também tem investido na pesquisa de combustíveis marítimos renováveis", descreve o consultor. Enio refere-se ao bunker, o novo combustível para abastecer navios. O produto está sendo testado pela Petrobras e segundo os cientistas da estatal tem potencial de reduzir cerca de 17% das emissões de gases causadores do efeito estufa.

Apesar de a matriz energética brasileira ser considerada uma das mais renováveis do mundo, o uso de combustíveis fósseis ainda é elevado no Brasil. O país é bastante dependente do uso deles. Cerca de 36% da matriz energética brasileira é constituída por combustíveis fósseis, como petróleo, gás natural e carvão mineral, embora existam outros, como o xisto betuminoso. Os combustíveis fósseis são, por definição, o grupo de recursos naturais disponíveis na natureza utilizados para a produção de energia por meio de sua queima e oriundos da decomposição de material orgânico ao longo do tempo. São fontes poluentes e não renováveis.

O Brasil possui grande potencial para assumir papel de liderança no mercado de redução de emissões de gases do efeito estufa devido à sua vasta cobertura de

AdobeStock

sistemafaeg.com.br

vegetação, rica biodiversidade e matriz energética limpa e baseada em fontes renováveis. Contudo, a transição energética requer união. “Não há dúvida que o programa RenovaBio é uma grande referência mundial, mas para sua efetivação toda cadeia precisa estar unida para defender a descarbonização”, resume Enio.

Para o consultor, produtores rurais, indústrias e governo precisam se unir para liderar o promissor mercado de créditos de carbono. Ele acredita que o Brasil tem um futuro promissor diante do advento do uso dos biocombustíveis e salienta que o país vem aprimorando suas políticas públicas para cumprir o compromisso internacional em reduzir a intensidade de carbono na matriz de transportes

Divulgação

Consultor e segundo vice-presidente da Faeg, Enio Fernandes destaca que o programa RenovaBio é referência mundial

e no volume de emissões de gases causadores do efeito estufa. Mas, para que essa dinâmica beneficie o Brasil de forma econômica, social e ambiental, o produtor rural precisará ser remunerado corretamente para que possa investir na produção sustentável de alimentos e começar a receber pelos CBIOS. O CBio ou Crédito de Descarbonização é um ativo financeiro negociável em bolsa de derivativos, da certificação de processo produtivo de biocombustíveis. Visa incentivar o uso de combustíveis renováveis, em detrimento das alternativas fósseis.

Enio afirma que, para dar certo, o processo precisa remunerar corretamente o produtor e todas as partes interessadas. Tanto a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) quanto a Frente Parlamentar do Agro (FPA) têm pressionado o Congresso para que todas as etapas do Programa Renovabio sejam regulamentadas.

O que é o Programa RenovaBio

RenovaBio é o nome dado à Política Nacional de Biocombustíveis. O programa foi criado em 2017, integra a Política Energética Nacional e contribui para o cumprimento dos compromissos determinados pelo Brasil no âmbito do Acordo de Paris - tratado global adotado em dezembro de 2015 pelos países signatários da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC).

O RenovaBio busca reduzir a intensidade de carbono da matriz de transportes brasileira, promovendo a expansão do uso dos biocombustíveis na matriz energética e assegurando previsibilidade para o mercado de combustíveis. O objetivo é induzir ganhos de eficiência energética e de redução de emissões de gases causadores do efeito estufa na produção, comercialização e uso de biocombustíveis.

Para alcance dos objetivos, a política conta com instrumentos, sendo o principal o estabelecimento de metas nacionais anuais de descarbonização para as distribuidoras de combustíveis. Estas devem comprovar o cumprimento por meio da compra e retirada de circulação (aposentadoria) de Créditos de Descarbonização (CBIO), ativo financeiro negociável em bolsa, derivado da certificação do processo produtivo de biocombustíveis.

Por meio da certificação voluntária, os produtores e importadores de biocombustíveis recebem uma nota em valor inversamente proporcional à intensidade de carbono do biocombustível produzido (Nota de Eficiência Energético-Ambiental). Esta nota refletirá exatamente a contribuição individual de cada agente produtor para a mitigação de uma quantidade específica de gases de efeito estufa em relação ao seu substituto fóssil (em termos de toneladas de CO^2 equivalente).

O RenovaBio permite a compra de Créditos de Descarbonização (CBIO) comercializados em um mercado próprio. Esses créditos representam justamente as emissões de carbono evitadas a partir da utilização de produtos menos poluentes por empresas produtoras de biocombustíveis. Existe uma renovação com os dados do produtor rural por cada módulo fiscal, representado por um título onde consta quanto ele gerou de CBios e, cabe à indústria o direito de vender à Bolsa.

AdobeStock

Funcionamento do RenovaBio

Em tramitação

O Projeto de Lei nº 412, que cria um sistema de compensação com crédito de carbono e regulamenta o mercado, foi aprovado em 2022 na Comissão de Meio Ambiente do Senado e seguiu para a Câmara, onde será analisado. Segundo o secretário de Economia Verde, Descarbonização e Bioindústria do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), Rodrigo Rollemberg, essa é uma pauta que unifica o país e vai atrair muitos investimentos externos para o Brasil, porque o mundo precisa fazer a transição energética e o país pode oferecer condições, inclusive, de baratear e acelerar a transição de muitas empresas no mundo, ao mesmo tempo que reduz os custos dessa mudança pelas condições que disponibiliza, de ter energia limpa, barata e abundante. A regulamentação do crédito de carbono tem sido pauta de contínuas discussões no Congresso Nacional e o mercado externo observa com atenção a regulamentação.

Pensando neste panorama, a Revista Campo, preparou um passo-a-passo, para ajudar o produtor a monetizar suas áreas ambientais e analisar viabilidade ou não para ingressar no mercado de carbono.

Como monetizar áreas ambientais e acessar mercado de carbono

Valora Carbon, startup que nasceu durante o Desafio Agro Startup, edição 2023, programa desenvolvido pelo Sistema Faeg/Senar, em parceria com o Sebrae Goiás, explica os principais entraves do mercado de carbono e mostra caminho para auxilia o produtor a monetizar áreas ambientais através da conservação e da sustentabilidade. A empresa participa do hub de inovação Campo Lab, e está recebendo subvenção de R$ 60 mil reais para investir no impulsionamento do projeto que fomenta a sustentabilidade e novas rendas para o produtor rural.

De acordo com a sócia e COO da Valora Carbon, Gabriele Nogueira, no Brasil há um grande problema que é a insegurança jurídica. “E somado a isso, o produtor rural, em outros momentos foi muito lesado por projetos que ele investiu do próprio capital e não foi remunerado. Hoje, o produtor rural brasileiro tem um pouco de medo de fazer, realizar novos projetos, principalmente quando nós falamos nessa parte ambiental, não somente em crédito de carbono, mas às vezes até em projetos para remuneração de prestação de serviço ambiental”.

Ela explica que um projeto de crédito de carbono, além de ser bastante oneroso e bastante longo, leva em torno de três a cinco ciclos para conseguir emitir o certificado, para só após a emissão ser remunerado. “Isso se o projeto não precisar de ajuste. Então os valores investidos são altos e o produtor rural não tem uma segurança jurídica para investir e não há uma certeza de que ele vai receber por esses valores investido”, diz a COO da Valora Carbon. “Falta confiança no mercado e informação. O produtor ainda não consegue, de forma clara, vislumbrar como ele vai ser remunerado, como que isso vai acontecer. Ele tem pouquíssimas informações, então eu acho que o caminho é fazer a informação chegar de forma mais fácil no produtor, ter empresas confiáveis que ele possa investir o capital dele”.

A Valora atua em toda a cadeia da geração do crédito de carbono, desde o início do projeto até o final, que é a comercialização desse crédito. O primeiro passo é o estudo de viabilidade para depois dar prosseguimento a esse Projeto. “A Valora Carbon não atua só nesse segmento da geração de crédito de carbono, mas nós trabalhamos também com o pagamento por serviços ambientais que abrangem aí pequenos e médios produtores”, ressalta.

“Para gerar crédito de carbono no

Brasil, nós precisamos ter em torno de 10 mil hectares. Então, ficaria para uma parcela pequena de produtores rurais, só de grandes produtores rurais. Por isso atuamos em outro segmento: o pagamento por serviços ambientais, que inclui os pequenos e médios produtores, que muitas vezes já fazem o trabalho de forma gratuita. E aí nós damos a possibilidade para ele começar a desenvolver esse trabalho de forma remunerada".

Gabriele informa ainda que a elaboração do projeto é longa e muito técnica. Então, ela orienta que o primeiro passo é estar com a documentação em dia e fazer um estudo de viabilidade. No caso de pequenos produtores, de acordo com Gabriele, ele pode ter outras alternativas, por exemplo, associação de produtor, sindicatos rurais que estão se organizando para reunir o maior número de produtores interessados e alcançar o número mínimo de hectares. Então, há outras alternativas para o produtor. "Ele pode ter um investimento de fora, de entidades privadas que estejam interessadas em investir nesse projeto do produto", complementa.

No Brasil, o pagamento por serviços ambientais é regulamentado pela Lei nº 14.119/2021 e podem ser remunerados: conservação de vegetação nativa ou da restauração de áreas e florestas degradadas para melhoria da qualidade da água, remoção de carbono, ou ainda conservação da biodiversidade. Também é possível usar receitas obtidas com a cobrança pelo uso dos recursos hídricos, decisão que compete aos Comitês da Bacia Hidrográfica (CBHs).

Divulgação

Sócia e COO da Valora Carbon, Gabriele Nogueira afirma que no Brasil ainda existe insegurança jurídica

Conheça o passo-a-passo para monetizar áreas ambientais

1. Procurar uma empresa séria que entenda do mercado e que saiba elaborar o projeto;
2. Projeto começa com Estudo de Viabilidade para mensurar o que pode ou não gerar, se vai ser viável ou não o projeto. O estudo aponta a viabilidade financeira, econômica, e se há ou não é a viabilidade para monetizar a área ambiental;
3. Projeto deve reunir CCIR - Certificado de Cadastro de Imóvel Rural, ITR - Imposto Territorial Rural e CAR - Cadastro Ambiental Rural;
4. Certidão Atualizada da Matrícula do Imóvel;
5. Georeferenciamento, com toda a regularidade de área e ambiental da propriedade;
6. É necessário pelo menos a documentação básica, o restante pode ser regularizado no decorrer do projeto;
7. Investimento é definido pela localização, quantidade de hectares disponíveis, bens e benfeitorias que já têm nessa propriedade, o que vai precisar ser feito e do projeto que vai ser implantado nessa propriedade;
8. Viabilidade: Projeto para geração de crédito de carbono passa ser viável a partir 10 mil hectares.

Informações: Valora Carbon - @valoracarbon / valoracarbon.com.br

Sem associações

A primeira Associação de Crédito de Carbono no Brasil é alagoana, foi criada em março de 2023 e é uma associação de produtores de crédito de carbono social do bioma da Caatinga. "Eu ainda não conheço nenhuma cooperativa neste sentido em Goiás. A única coisa que posso adiantar é que temos tentado uma aproximação com os sindicatos rurais para desenvolvermos uma parceria e facilitar a implementação destes projetos, para que o produtor rural tenha acesso a estes créditos", destaca Gabriele.

Um caso de sucesso no tema é a parceria entre Sistema OCB e o Ministério do Meio Ambiente. São experiências de quatro cooperativas brasileiras reconhecidas por práticas sustentáveis: a Coopercitrus, com foco na produção de energia limpa e restauração florestal; a Cocamar, que destaca a integração lavoura-pecuária-floresta para produção sustentável; a CCPR, com um case de produção de energia limpa no agronegócio; e a Coplana, com modelos de logística reversa e reflorestamento.

Mercado amplo e com valores atrativos

Área que busca tratar dos cascos de cavalos e levar qualidade de vida ao animal tem crescido no Estado e exigido profissionais qualificados. Senar Goiás oferece capacitação aos interessados

Revana Oliveira I revana@sistemafaeg.com.br

Divulgação

A infância na fazenda foi rodeada de cavalos. O pai criava os animais e a mãe era joqueta, competia com eles em corridas. O dia de cuidados com o casqueamento e ferrageamento era festa para o menino que ficava o tempo todo observando o manejo. Foi assim que Felipe de Araújo Seabra Sales cresceu e resolveu se dedicar à podologia equina. “Na podologia equina se realiza prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças que podem acometer os cascos dos cavalos. Os cascos são indispensáveis para a saúde como um todo do animal. Afinal, suportam o peso do corpo, dando aderência e protegendo todas as estruturas internas”, explica Felipe.

O aprendizado profissional para atuar na área começou com apenas 15 anos, quando acompanhou um curso de casqueamento e ferrageamento oferecido pelo Senar Central. Com 18 anos, foi servir o exército e lá ficou na área da cavalaria, podendo colocar o aprendizado em prática. Após um ano, ele voltou e solicitou ao Senar Goiás a mesma qualificação para ser ministrada na fazenda dos pais, em Planaltina de Goiás. Além dele, outros moradores da região também participaram.

“Nesse curso, aprendi bastante e contei ao instrutor do Senar Goiás, João Pedro, que gostaria de me aperfeiçoar mais. Ele então me indicou vários cursos fora, como em São Paulo, por exemplo. Além de ferrageamento tradicional a frio, me especializei no quente, que permite fazer o molde exclusivo para atender as necessidades do cavalo. Pode-se destacar as ferraduras ortopédicas para auxiliar animais que tenham tendinite, artrite, laminite que é a inflamação nas lâminas do casco. Esse trabalho é muito amplo, vai além da ferradura. Usamos gesso, silicone e novas tecnologias que permitam uma melhor qualidade de vida do cavalo”, destaca.

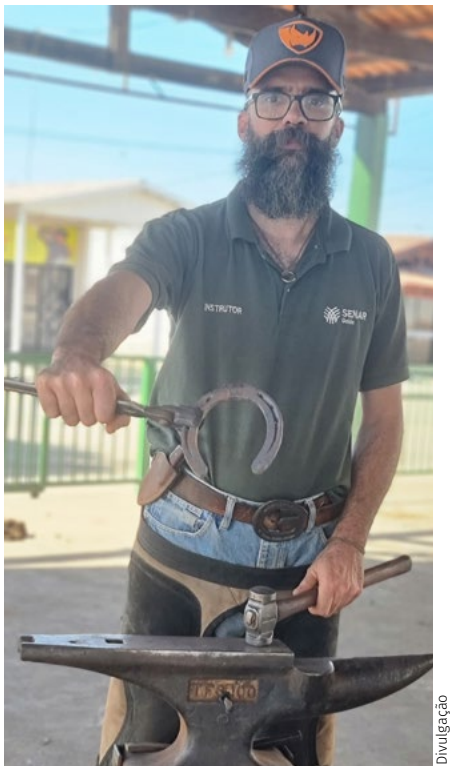
Em 2018, com muita dedicação ao trabalho, Felipe comprou todos os materiais necessários, montou uma clínica móvel de podologia equina em sua caminhonete e começou a trabalhar. Logo, passou a atender ranchos e haras até fora do Estado. A carga de trabalho só foi reduzida e ficando restrita a Goiás, porque ele está estudando medicina veterinária. Quer ter uma visão cada vez mais ampla de tudo que envolve a saúde dos animais.

“Na faculdade, temos o Hospital Veterinário e sou eu quem cuida dessa parte relacionada aos cascos dos animais. É um trabalho que exige muita responsabilidade. Quando você se destaca no mercado passa a lidar com animais muito caros. Há algum tempo, eu atendi um cavalo de hipismo, usado em saltos. Ele veio da Bélgica e precisou de cuidados veterinários porque estranhou o clima aqui no Brasil. Está avaliado em R$ 12 milhões”, informa.

O mercado da podologia equina é bem amplo e os valores pagos são atrativos. Na região do entor-

Divulgação

Treinamento de Ferrageamento de Equinos oferecido pelo Senar Goiás



Divulgação

Instrutor do Senar Goiás, João Pedro destaca que os produtores começaram a cuidar melhor dos animais, por isso investem na podologia

no de Brasília, onde Felipe trabalha, o processo de casquear e ferrar da forma tradicional custa R$ 200, sendo possível fazer o manejo sozinho em oito cavalos por dia e quatorze com ajudante. Já as ferraduras ortopédicas saem, em média, R$ 300 por casco do animal e é um processo mais demorado.

"Atualmente, trabalho em haras e ranchos que têm cavalos usados para esporte ou éguas matrizes. Já tenho uma agenda de retorno fixa de 30 a 40 dias em cada local. E meu celular não para. Recebo em média 20 mensagens diárias de pessoas procurando meus serviços, mas eu não tenho agenda. Isso mostra um mercado promissor para os que se especializam e desempenham bem a função", conta.

O Senar Goiás oferece gratuitamente os cursos de casqueamento de equídeos e de ferrageamento de equinos. "Hoje em dia, o termo podologia está mais em alta, pois engloba toda parte locomotora. Nós ferradores temos que ter conhecimento geral, anatomia, fisiologia, biodinâmica do movimento dentre outras e não apenas 'pregar ferradura'. O mercado é bem amplo. Temos animais de lida, passeio e quando partimos para o lado de cavalos atletas, que existem em vários esportes equestres, todos necessitam de atenção podológica, pois vai interferir no bem-estar, vida útil, desempenho em provas, evitando vários tipos de lesões. Se pararmos para pensar, todo peso do animal está distribuído sobre os cascos", explica João Pedro Xavier Alves, zootecnista, ferrador e instrutor dos cursos da área no Senar Goiás.

Ele destaca que, na última década, o mercado de cavalos cresceu muito em Goiás e com isso o olhar e atenção para esses animais melhoraram muito em termos de investimentos em genética, qualificação e tratamentos, inclusive podológicos, falando em cavalos de alto rendimento. "Antigamente, existiam as ferradorias. Os donos levavam os cavalos até o local. Porém, com a modernidade e facilidade de locomoção, hoje o profissional vai até o local onde os cavalos estão, com todo seu equipamento podendo prestar um serviço mais personalizado, mais rápido e prático. Falando de mercado promissor, costumo brincar que enquanto nascer cavalos sempre vai precisar de um profissional para cuidar dos cascos. E é essencial que esse serviço seja feito no prazo de quatro a seis semanas, ou seja, todos mês", informa o instrutor.

João Pedro destaca que o serviço é muito importante, de extrema responsabilidade e é pesado. "O Senar Goiás leva a informação e a capacitação para muitos produtores rurais, para os interessados em trabalhar com a podologia equina. A partir daí começam a cuidar melhor dos seus próprios animais e com isso o cavalo continua só melhorando. Agora, o aluno deve ter muita força de vontade e determinação para avançar na profissão. Costumo dizer que o Senar é a porta de entrada para ter acesso a esse mercado. No mundo do cavalo falamos que a gente estuda, estuda e ainda morremos com coisas para aprender", conclui João Pedro.

A informação se confirma no sucesso de Felipe que calcula ter feito mais de 40 cursos só do Senar Goiás. "Eu já fiz várias vezes os voltados para minha área de atuação e apesar de ter muita experiência sempre aprendo em cada um deles. E vou além, já fiz o de doma racional de equinos, rédeas de equinos, equideocultura, foram dezenas. Sempre indico para aqueles que queiram trabalhar na área ou então para oferecer melhor qualidade de vida e ter melhores resultados com os animais da propriedade", finaliza Felipe.

Para ter acesso aos cursos basta procurar um sindicato rural. A agenda também pode ser acessada em: https://sistemafaeg.com.br/senar/cursos-e-treinamentos. Já os que querem se aperfeiçoar com assuntos relacionados ao tema é possível fazer as qualificações: Horsemanship e Legalidade na Produção de Equídeos, totalmente online por meio do site: https://ead.senargo.org.br/.

Divulgação

Ferramentas utilizadas no processo de podologia equina

Desafio Agro Startup: impulsionando a inovação no setor agrícola em Goiás

Pedro Camilo *é diretor de Tecnologia de Informação do Senar Goiás*

Quais são os reais desafios do agronegócio? Como podemos solucioná-los? Como envolver novos talentos? Em Goiás, somamos mais de 150 mil propriedades rurais, segundo dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mas se buscarmos o total de inscrições estaduais relacionadas ao agronegócio, somamos mais de 250 mil inscrições estaduais cadastradas ou ativas de produtores rurais que comercializam algum tipo de produto, de acordo com dados públicos da Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás. Estes produtores têm no seu dia a dia vários desafios.

Então para responder a primeira pergunta (quais são os reais desafios do agronegócio?), fomos para o campo e, através do nosso programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), conhecido como Senar Mais, ouvimos mais de 1.300 produtores e produtoras rurais que durante as visitas contaram o que precisam para melhorar e facilitar o seu trabalho no dia a dia dentro da porteira. Nosso intuito, além de ouvi-los, é também conectá-los ao futuro, ou seja, promover os passos para que a propriedade possa ser mais sustentável e competitiva.

Dessa forma, para encontrar a resposta para a segunda pergunta (Como podemos solucioná-los?), pensando em um público multidisciplinar e diverso, fomos em busca de jovens talentos em todo o Estado. Na 8ª edição do Desafio Agro Startup, o Senar e Sebrae em Goiás visitaram várias instituições de ensino que abriram suas portas para conversarmos com acadêmicos de diversos cursos e convidá-los para pensar juntos em soluções para o nosso agronegócio e formas de torná-lo ainda mais sustentável.

Foram mais de 40 Instituições de ensino goianas, com mais de 2 mil pessoas sensibilizadas para participar conosco das maratonas do Desafio Agro Startup, no qual estes alunos recepcionaram os diversos desafios que foram levantados do nosso setor e formularam soluções em equipes com diferentes perfis.

Imagine agora, você morar em uma cidade distante da capital e devido à logística infelizmente não conseguir contribuir trazendo novas ideias para nosso setor. Como dar oportunidade para quem mora em municípios que estão em extremos do nosso estado, a mais de 400 quilômetros de distância da nossa capital? Assim respondemos a terceira pergunta (Como envolver novos talentos?).

De forma inédita e graças ao apoio de diversos parceiros, principalmente Sindicatos Rurais, transformamos esse desafio em solução e realizamos as maratonas em 10 municípios, oportunizando a participação de novos talentos. Com mais de 1.100 pré-inscritos, realizamos a maior maratona de ideação nos municípios de Anápolis, Mineiros, Rio Verde, Inhumas, Jussara, Porangatu, Catalão, Formosa, Goianésia e, por fim, Goiânia.

O resultado do início dessa jornada, foram mais de 500 participantes que formaram mais de 110 equipes que a partir de agora participarão durante três meses de uma capacitação de aperfeiçoamento de suas ideias para, em outubro, através de uma parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), selecionarmos as 12 melhores startups que receberão R$ 60 mil para transformar suas ideias em novas soluções disponíveis para o produtor rural.

Atenção redobrada às questões climáticas no período seco

Especialistas apresentam prognósticos para estiagem em Goiás de até 150 dias sem chuvas regulares e alertam para o cuidado com a abertura da janela de plantio da safra 24/25

Alexandra Lacerda I alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Uma nova safra se aproxima e surgem dúvidas sobre as questões climáticas, que nos últimos anos têm impactado de forma direta a condução da produtividade no campo. Fenômenos como La Niña e El Niño são pontos decisivos na hora da tomada de decisão com relação ao plantio e para o ciclo da safra 24/25. São várias perguntas para o início do período programado para 25 de setembro, quando finaliza o vazio sanitário, determinado pelo período de 90 dias, quando não se pode plantar e nem manter plantas de soja vivas em qualquer fase de desenvolvimento na área determinada.

A Expedição Safra Goiás, realizada pela Faeg em janeiro deste ano - que percorreu mais de oito mil quilômetros no estado - traçou um diagnóstico que serviu para direcionar como se dará o próximo ciclo. Na safra 23/24, fatores como temperaturas mais quentes e maior perda de água para a atmosfera, a evapotranspiração da planta e a falta da reposição de água das chuvas provocaram estresse hídrico. A consequência do déficit de água no solo promoveu estresse térmico, com temperaturas três graus acima da média, refletindo na produtividade de forma negativa e impactando na redução da produtividade.

No primeiro trimestre, o período de estiagem em Goiás foi tema de reunião com entidades do agro e produtores rurais, quando foi dado o alerta pela Faeg, em parceria com Centro de Informações Meteorológicas e Hidrológicas do Estado de Goiás (Cimehgo), que esse ano seria mais crítico e com desafios, pois não foi possível obter a recarga hídrica necessária nos mananciais no ciclo passado. Com isso, a vegetação está mais seca, aumentando risco de queimadas, sem falar que os agropecuaristas entraram praticamente no período de estiagem sem as pastagens devidamente recuperadas. “As notícias neste momento não são animadoras para o retorno das chuvas, sendo que a tendência aponta que apenas em outubro vamos ter o retorno de maneira mais tímida e abaixo da média, mas já em novembro o cenário muda e os prognósticos apontam para chuvas inclusive dentro ou acima da média climatológica no Estado. No início do fenômeno La Niña, as chuvas tendem em atrasar no seu retorno e a estiagem a ficar mais extensa, isso não quer dizer que não poderemos ter uma chuva isolada dentro do período de julho a outubro, mas lembrando que chuvas isoladas no período de estiagem não contribuem como, por exemplo, para o início das ações de trabalho de campo”, explica o gerente do Cimehgo, André Amorim.

Gerente do Cimehgo, André Amorim, destaca que chuvas devem retornar apenas em outubro, mas de maneira tímida e abaixo da média

Divulgação

Especialistas fazem questão de lembrar que olhar para o passado é necessário para uma análise mais coerente e tomada de decisões mais assertivas. O professor doutor Gilmar Oliveira Santos, com formação em Engenharia Ambiental e Agroclimatologia da Universidade de Rio Verde, levanta a importância de observar os ciclos climáticos. “A safra 22/23, na região Centro-Oeste, teve bom volume de chuva pois estávamos praticamente no terceiro ano de La Niña, que garantiu condição atmosférica mais favorável com mais

Fredox Carvalho

Divulgação

Professor da área de Agroclimatologia, Gilmar Oliveira Santos, alerta que o produtor que fizer a semeadura muito antecipada corre o risco de ter o tombamento fisiológico ou cancro do calor

chuvas na região Norte e Nordeste. Isso cria corredores de umidade que trazem de forma indireta melhor distribuição de chuva na região. Agora nós estamos vindo de um período de El Niño muito forte, então criou uma condição de falta de chuva e esse primeiro ano de La Niña ainda está se criando esse corredor de umidade. Vai chegar aqui, mas demora, por isso é preciso cautela, com prognóstico de chegar mais na segunda quinzena de outubro", explica Gilmar.

A exemplo do ano passado, ele pontua ainda que muitos produtores com algumas chuvas em agosto ficaram otimistas, iniciaram o plantio na abertura da janela e muitos tiveram perdas, com casos de replantios com a falta de chuvas em setembro. "Quando nós analisamos esse período de estiagem, está maior que o normal. Geralmente chove em nossa região até o mês de maio e temos período de 90 dias sem chuvas. Esse ano nós temos um período de seca que começou por volta do dia 15 de abril, portanto teve início mais cedo e deve terminar mais tarde. Em meados de segunda quinzena de setembro, vamos ter em média 150 dias de estiagem, ou seja, quase dois meses a mais sem chuva. O produtor vai ter que ter um pouco mais de cautela, mesmo com o fim do vazio sanitário," analisa o agroclimatologista.

No prognóstico do especialista, chuvas em volume necessário para desenvolvimento das plantas só no final do mês de outubro, ou seja, o produtor que fizer a semeadura muito antecipada corre o risco de ter o tombamento fisiológico ou cancro do calor, que é fazer a semeadura quando o solo teve um certo grau de umidade, mas logo na sequência há uma redução do volume de chuva, o que prejudica a quantidade necessária de umidade no solo. A orientação é se cercar de todas as informações necessárias, entre elas ter uma estação meteorológica na sua propriedade, para saber o histórico que acontece na propriedade dele e até na hora de fazer algum tipo de manejo, como por exemplo a pulverização.

Pecuária

Outra cadeia produtiva impactada diretamente pelas questões climáticas é a pecuária. "Até esse momento nós estamos com a temperatura amena, com 18 graus pela manhã e no final da tarde chega na casa de 31 graus, dependendo da região do estado. Isso ajuda também a diminuir o impacto do calor na questão do bem-estar animal. Ainda contamos com uma certa ajuda climática, com índices menores de temperatura média, facilitando e favorecendo também a questão do animal à pasto. Outro ponto positivo é que mesmo com o desgaste do capim, o produtor se preparou e consegue segurar o animal. O ajuste de estoque foi uma manobra importante de antecipação do produtor de animais para corte. Observamos também que no caso do gado de leite, o produtor já vem bem estruturado, preparando a silagem e isso ajustando o estoque facilita a passagem do período mais seco do ano, aguardando as chuvas em meados de outubro onde as coisas se normalizam," afirma o analista técnico do Ifag, Marcelo Penha.

Ele orienta, ainda, aqueles que porventura ainda estão ficando sem alternativa pela quantidade de animais, que duas possibilidades são apresentadas: uma delas depende do fluxo de caixa da propriedade pois teria que alugar pasto para poder desafogar nos meses de agosto e setembro, outra opção seria um manejo na fonte de alimento. "O produtor pode fazer um tratamento diferenciado, utilizando casquinha de soja juntamente com bagaço de cana, juntamente com um proteinado, ou até mesmo utilizando uma ração pronta, variando de 0,3% até 1% do peso vivo animal, dependendo de como estão os animais dele nesse período de final de julho, agosto e setembro", direciona o analista do Ifag.

Acesse o site do sistema Faeg/Ifag para obter as informações necessárias sobre o clima em Goiás, através do Boletins Agroclimáticos: https://sistemafaeg.com.br/ifag/dados-e-analises/boletins-agroclimaticos

Fredox Carvalho

Expedição Safra Goiás, realizada em janeiro deste ano, percorreu o estado avaliando impactos climáticos da safra 23/24 que podem se repetir na safra que vai se iniciar em setembro

Qual é a fruta?

Revana Oliveira I revana@sistemafaeg.com.br

Fredox Carvalho

Envie suas dúvidas
A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail revistacampogoias@gmail.com. Participe!

O Daniel Briand, de Cocalzinho de Goiás, tem um pé carregado de frutas no quintal. Elas são levemente ácidas, lembra um pouco o sabor do achachairu.

Dúvida I Ele gostaria de saber qual fruta é essa, a origem e os benefícios dela?

Resposta: Esse fruto enviado nas fotos é o Falso-mangostão (Garcinia cochinchinesi). É uma planta da família Clusiaceae, nativa da Ásia, do mesmo gênero das frutas: Mangostim, Bacupari e Achachairu. O fruto desenvolve-se em uma árvore bastante vigorosa, capaz de atingir vertiginosos 11 metros de altura, de onde também pende uma folhagem perene, com folhas coriáceas, simples e oblongas. A árvore é muito usada como ornamental em grandes áreas, como parques e jardins públicos, sua propagação ocorre através de sementes e começa a frutificar em 2 a 3 anos após o plantio.

Desenvolve-se bem em clima tropical, considerada uma fruta quase sem relevância do ponto de vista comercial, sendo apreciada apenas como uma espécie doméstica, colhida de forma artesanal para consumo in natura ou no preparo de sucos. A época de frutificação pode variar de acordo com condições climáticas e regime de chuvas das regiões, mas geralmente, ocorre entre os meses de março e agosto. Até o momento, são escassos os relatos a respeito do estudo fitoquímico e aplicabilidade na medicina popular de extrato de folhas e polpa de Garcinia cochinchinesis desenvolvidas no Brasil.

Dúvida respondida pela supervisora de Horticultura e Fruticultura do Senar Goiás, Ana Paula Belo.

Verniz, alcatrão ou tinta impedem entrada de fungos após a poda?

A Maria Eugênia, moradora de Cristalina, a 282 quilômetros de Goiânia, tem na chácara muitas árvores antigas. Algumas enfeitam a paisagem e outras são frutíferas. Ela quer fazer a poda de todas entre julho e agosto. Encontrou em uma pesquisa na internet que esse período é propício, já que as plantas estão em repouso, o que facilita sua regeneração. Maria Eugênia quer saber se isso é mito ou verdade e se após esse manejo, cobrir áreas recém-podadas com verniz, alcatrão ou tinta ajuda no processo de cicatrização e impede a entrada de fungos.

Revana Oliveira I revana@sistemafaeg.com.br

Mito!

AdobeStock

Apesar do manejo protetivo estar correto, o uso dos produtos citados não. As árvores da propriedade, frutíferas ou não, são plantas ornamentais e com certeza melhoram o microclima do local e embelezam a chácara. Temos diferentes tipos de poda: formação, produção, limpeza, arejamento e rejuvenescimento. Pelo que entendi, por ser uma área de plantas antigas, o rejuvenescimento é o seu desejo. Mas antes de podar uma de suas árvores, entenda que cada uma delas tem a sua particularidade - tipo de copa, altura, profundidade do sistema radicular - e que, em épocas de floração e/ou frutificação, as plantas gastam muita energia e a poda nesse momento pode dificultar ou demorar mais para estimular a planta rebrotar.

A poda deve ser sempre realizada nos meses sem a letra "R" (maio, Julho, julho e agosto), ou seja, os meses mais frescos do ano. Temos como referência julho, o mês que teoricamente as plantas estão com menor metabolismo devido às menores temperaturas e por ser mais seco, menor incidência de doenças fúngicas. Porém, o clima goiano não faz tanto frio como em outras localidades do Brasil, até mesmo no inverno, então vale lembrar de observar se elas não estão com flores e/ou frutos.

Diferente da poda de formação ou de produção que são realizadas em ramos finos, a poda de rejuvenescimento ocorre em ramos grossos e gera ferimentos maiores que precisam ser tratados para garantir a saúde das plantas. Em tese os produtos listados como verniz, alcatrão ou tinta podem gerar uma camada protetora, mas são tóxicos e não ideais para aplicar nos tecidos expostos das plantas cortadas, e não possuem função de cicatrização.

Nos dias atuais, existem vários produtos comerciais que são atóxicos e com substâncias que vão garantir a proteção da entrada de fungos e bactérias. Uma alternativa caseira muito utilizada é a pasta bordalesa que pode ser produzida em casa (água, cal virgem, e sulfato de cobre) e aplicada por pincelamento garantindo a proteção pois tem a ação fungicida do sulfato de cobre.

Receita para 10 litros de pasta bordalesa:

1 kg sulfato de cobre; 2 kg cal virgem e 10 litros de água. Para preparar outros volumes, é só manter as proporções dos ingredientes. Diluir o sulfato de cobre em um recipiente plástico com 5 litros de água (colocando-o de molho com um dia de antecedência devido a sua dificuldade de diluição). Em outro recipiente plástico diluir a cal em mais 5 litros de água. Após os preparos separados, sempre juntar a solução de sulfato de cobre (azul), sobre a solução de cal (branca), nunca o contrário, mexendo sempre.

Vale lembrar que a alteração da forma da planta sem conhecimento técnico pode levar a morte da árvore ou até um acidente do podador a depender do porte da planta. O recomendado no seu caso é contratar uma pessoa especializada no assunto para planejar e executar a poda com segurança.

AdobeStock

Resposta enviada pelo engenheiro agrônomo e instrutor de Paisagismo do Senar Goiás, Matheus Elache Rosa.

InfoSenar
Ano 8 Edição 85 Julho/2024
SENAR

Soja - 03 a 28/06/2024

Condições climáticas influenciaram os preços da soja

O mês de junho foi marcado por oscilações da soja na Bolsa de Mercadorias e Futuros de Chicago (CBOT). Embora o dólar tenha apresentado uma alta considerável, os contratos futuros em Chicago sofreram uma queda acentuada, influenciando significativamente as cotações internas. Desta forma, mesmo com temperaturas elevadas, algumas chuvas intensas e o bom desenvolvimento das lavouras norte-americanas influenciou as cotações. Porém, não há registros de prejuízos significativos na produção do cinturão agrícola dos Estados Unidos.

É importante destacar sobre o mercado interno da oleaginosa. O encerramento da colheita brasileira, na última estimativa (24 de junho da Companhia nacional de abastecimento (CONAB), finalizou em 100% da área total colhida. Além disso, o preço da oleaginosa subiu 2% neste mês devido as tempestades no Rio Grande do Sul afetando a oferta e pela desvalorização do real, causando um aumento na competividade da exportação.

Vale ressaltar que a média de área total colhida para Goiás finalizou em 100%. Na safra atual, embora a área cultivada tenha sido maior, a produtividade média no país foi prejudicada pelas condições climáticas desfavoráveis.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos de junho/24.

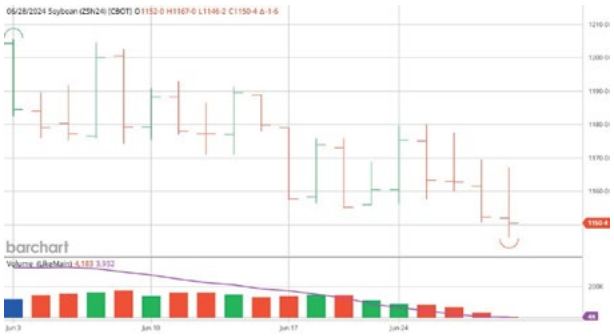


Tabela 1 - Variação do preço médio da soja em Goiás no mês de junho de 2024.

Descrição	Valor 03/06	Valor 28/06	Diferença
Soja Disponível	R$120,00	R$122,79	R$ 2,79
Soja Balcão	R$116,56	R$116,59	R$ 0,03
Soja Futuro	R$114,25	R$114,89	R$ 0,64

Milho - 03 a 28/06/2024

CONAB estima 28% da área total colhida do milho 2ª safra no Brasil

O mercado seguiu oscilando durante o mês de junho na Bolsa de Mercadorias e Futuros de Chicago (CBOT) e na Bolsa Brasileira (B3). A paridade de exportação permaneceu estável ao decorrer do mês apesar da forte valorização do dólar frente ao real, uma vez que o milho foi pressionado na Bolsa de Chicago pela boa expectativa de safra para a temporada 2024/25, com um clima favorável ao desenvolvimento das lavouras.

O mercado brasileiro do milho apresentou uma queda nas cotações durante o mês de junho. Com base na Safras Consultoria, os produtores aumentaram as vendas oferecendo volumes da safra anterior para liberar espaço nos armazéns e receber a 2ª safra recém colhida. Vale ressaltar que de acordo com a última estimativa (24) de junho da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) a colheita do milho 2ª safra está em 28% da área total.

A colheita da 2ª safra para Goiás está em 12% da área total em junho, de acordo com a CONAB

Gráfico 1 - Evolução dos preços dos contratos de junho/24.

Tabela 1 - Variação do preço médio do milho em Goiás no mês de junho de 2024.

Descrição	Valor 03/06	Valor 28/06	Diferença
Milho Disponível (Média Estado)	R$ 44,84	R$ 44,08	R$ -0,76
Milho Futuro (Média Estado)	R$ 44,40	R$ 42,79	R$ -1,61
Rio Verde	R$ 45,00	R$ 44,00	R$ -1,00

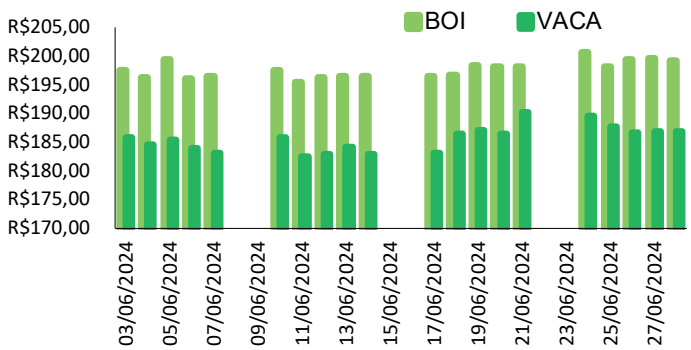
Bovinocultura de corte 03 a 28/06/2024

Preço da arroba demonstra pequeno acréscimo

O mês de junho/24, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), contando 20 dias úteis até a 4ª semana, exportou de carne bovina 192.572 mil toneladas, com uma média diária de 9.628 mil toneladas, que representa um decréscimo de -0,1% nos embarques, o preço pago por tonelada também apresentou variação negativa de -11,7% em relação com o mesmo período do ano passado. No mercado nacional, analisando o indicador boi gordo CEPEA/B3, a média das cotações no mês de maio/24 foi de R$220,70 por arroba. O Mercado do boi gordo apresentou recuperação nos preços, com escoamento rápido da carne. No mercado regional, segundo dados do IFAG, a média das cotações da arroba do boi gordo foi de R$197,60 com variação positiva +0,89% no comparativo mensal. Para vaca gorda a média das cotações foi de R$ 185,57 com variação de +0,54% no comparativo mensal.

No mês de junho a oferta de animais a pasto diminuiu, enquanto nos frigoríficos aumentaram os lotes com o preenchimento das escalas em média de 10 dias. Atualmente, a reposição apresenta variação de preços entre as categorias, com negociações mais direcionadas em bezerros(as)(0 a 12 meses), garrotes e novilhas (13 a 24 meses).

Preço médio Boi Gordo e Vaca Gorda à vista em Goiás R$/@



Fonte: IFAG

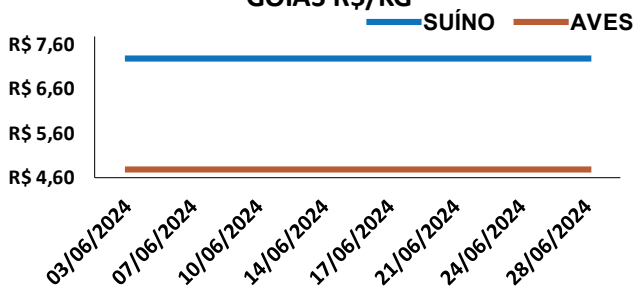
Aves e Suínos - 03 a 28/06/2024

Mercado de frango e suíno mantém preços estáveis no mês de Junho/24

As exportações no mês de junho/24, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), contando 20 dias úteis até a 4ª semana do mês. Para carne de aves foi de 408,54 mil toneladas, com uma média diária exportada de 20,42 mil toneladas, número que representa o decréscimo de -2,5% nas exportações, o preço pago por tonelada apresentou queda de -12,3% no comparativo. Para carne suína foram exportada 93,87 mil toneladas, com média diária de 4,69 mil toneladas, há um decréscimo de -3,2% nas exportações, o preço pago por tonelada de carne suína também houve queda de -10,6%. Para o mercado regional, segundo dados do IFAG, a média das cotações para o frango vivo no mês de junho/24 não houve variação se mantendo no preço de R$ 4,80/kg. Para a carne suína a média das cotações no estado foi de R$7,30/kg sem variações. Ambas as proteínas mantém constância nos preços durante o mês, o que pode indicar que a disponibilidade de animais para o abate está compensado com a oferta, o que traz estabilidade para o mercado.

O milho, conforme dados coletados e divulgados pelo IFAG, apresentou média de R$44,85/sc com variação de -1,69% no comparativo mensal. O mercado do milho foi influenciado pelas cotações internacionais e pela alta demanda, devido ao valor do dólar, o que favoreceu a paridade de exportação. No entanto, esses aumentos não se refletiram no interior do país, onde os preços permaneceram baixos por causa das colheitas e da baixa demanda. Além disso, a pressão sobre as cotações diminuiu devido à redução na estimativa de produção de milho para a safra 2023/24.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R$/KG



Fonte: IFAG

Agroclimático - 03 a 28/06/2024

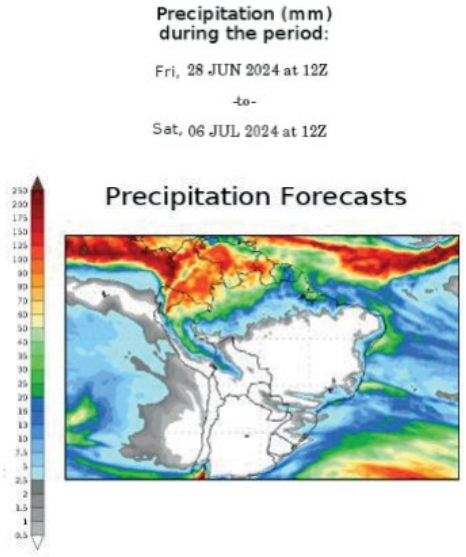
Centro-Oeste brasileiro é caracterizado pela baixa umidade e chegada do inverno

O mês de junho foi caracterizado pela chegada do inverno no Brasil. Além disso, na região Central brasileira, a umidade relativa do ar está muito baixa gerando alerta para os produtores e para a população.

A porcentagem ideal da umidade relativa do ar é entre 50% e 60%, e estamos observando que a umidade tem ficado entre 20% e 30% representando uma queda bastantes expressiva. Juntamente com a baixa umidade, podemos observar no mês de junho temperaturas altas durante o dia, com o tempo bastante seco e quente e noites mais frias, caracterizadas pela entrada do inverno.

Para a cadeia produtiva agrícola, o déficit hídrico que é visto no Centro-Oeste brasileiro pode ser benéfico ou maléfico a depender da cultura e de seu estágio. Para aqueles produtores que estão prontos para colher, a ausência de chuvas auxiliará, já para aqueles que suas lavouras ainda estão na fase de enchimento de grãos, o déficit pode ser um agravante.

As temperaturas seguiram acima da média no estado, com máximas de 33°C e mínimas de 16°C.



Fonte: NOAA
Elaboração: IFAG

Hortifruti - 03 a 28/06/2024

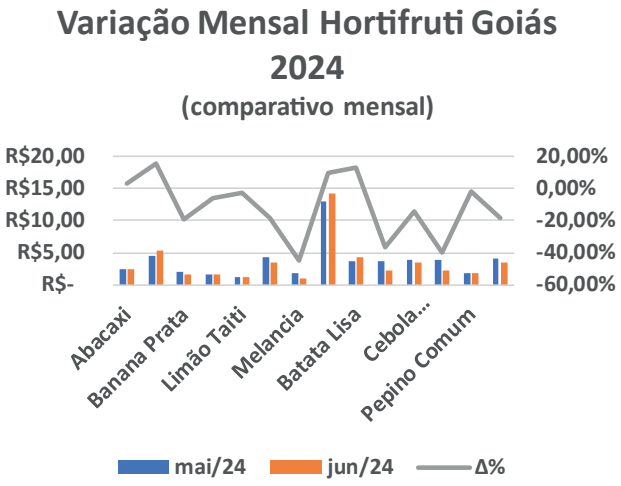
Frutas e hortaliças apresentam variações mistas no mercado

De acordo com as cotações realizadas e publicadas pelo IFAG, em junho de 2024, do CEASA/GO Goiânia, os preços médios das hortaliças como batata, cebola, e tomate apresentaram viés misto, com preço médio de R$4,22/kg, R$3,38/kg e R$3,37kg e variações de (+12,87%), (-14,29%) e (-18,83%) respectivamente.

Para o mercado das frutas, a tendência também apresentou viés misto, com os seguintes preços médios e variações referentes ao mês de junho, banana maçã R$5,29/kg (+15,53%), maracujá azedo R$3,56/kg (-18,56%), já o abacaxi apresentou a variação positiva, com preço médio de R$2,48/Kg e (+3,13%). A melancia apresentou variação negativa no mês de junho, a média foi R$0,95/kg apresentando declínio expressivo de (-45,24%).

Com essa análise, podemos também observar outras hortaliças como a cenoura que apresentou média de R$2,32 e variação negativa de (-39,81%), a beterraba apresentou queda de (-36,46%) e ficou no valor médio de R$2,29.

Gráfico - Variação Mensal do Hortifrúti no Estado de Goiás



Fonte: Associação de produtores - Ceasa-GO;
Elaboração: IFAG

Estruturação e Sistematização dos Dados Econômicos do Setor Agropecuário do Estado de Goiás

SENAR Goiás
Serviço Nacional de Aprendizagem Rural /AR-GO
Tel.: 62 3412-2700
www.senargo.org.br

IFAG Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás
Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás
Tel.: 62 3096-2235
www.ifag.org.br

Romeu e julieta, um casamento que deu certo em Goiás

Alexandra Lacerda I alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Uma receita que une opostos: o casamento entre doce e salgado conquistou os mineiros, misturando o queijo fresco com o doce de goiaba. É a sobremesa Romeu e Julieta, nome inspirado no romance do poeta, dramaturgo e autor inglês, William Shakespeare, por simbolizar o casal perfeito e seus dois opostos, assim como na clássica obra literária. Na Cidade de Goiás, ganhou uma nova versão pelas mãos e criatividade da dona Ziná Xavier de Godoy Ribeiro. E o desafio surgiu quando ela quis participar do Festival Receitas do Campo do Senar Goiás. "Eu queria apresentar no festival algo que lembrasse o campo, então resolvi incrementar o famoso doce de queijo na calda com um recheio diferente", conta. E ela acertou na combinação, pois a receita encantou os jurados do 3º Festival de Receitas do Campo, o que garantiu para a dona de casa a classificação da edição realizada em 2018.

Ingredientes

03 copos (americano) de queijo ralado
01 colher (sopa) de farinha de trigo
03 ovos
03 copos (americano) de açúcar para a calda
02 copos (americano) de água
Pedaços de goiabada para o recheio

Modo de preparo

AMEIXAS: em uma bacia, misture bem o queijo, a farinha de trigo e os ovos e sove até retirar o cheiro de ovos. Faça as bolinhas e reserve.

RECHEIO: corte a goiabada em pedaços pequenos, em seguida passe os pedaços na farinha de trigo, introduza nas ameixas e modele a bolinha.

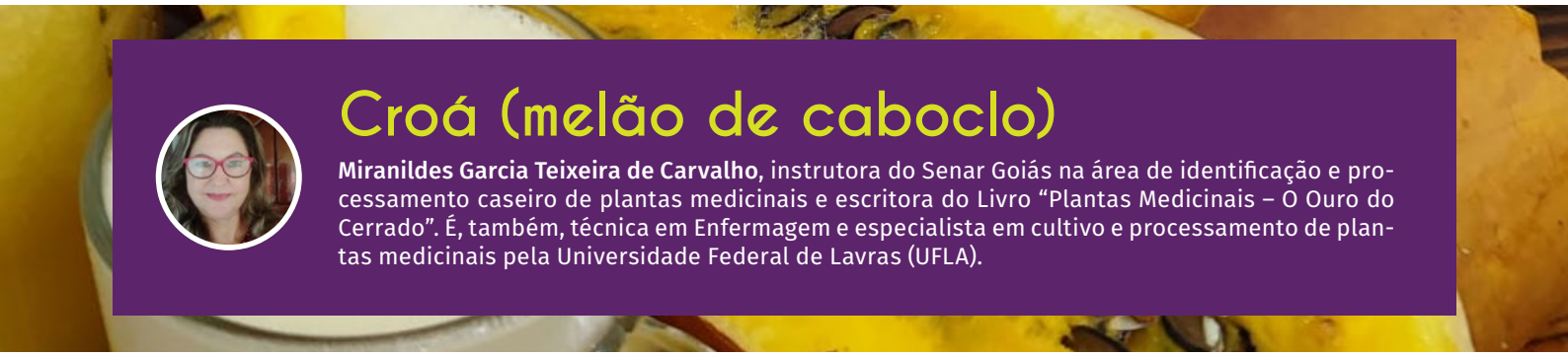
CALDA: em uma panela, misture bem o açúcar e a água e leve para esquentar.

Com a calda quente e grossa, coloque as ameixas para cozinhar, assim que a calda ficar bem grossa e as ameixas amareladas, retire as ameixas da calda, escorra bem e coloque em um refratário.
Faça outra calda para colocar as ameixas prontas.

Tempo de preparo: 1 hora

Receita elaborada por Ziná Xavier de Godoy Ribeiro, participante do Festival na Cidade de Goiás

Flávio Henrique



Croá (melão de caboclo)

Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro "Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado". É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Originária do Brasil, o Croá é uma trepadeira que pode atingir até 15 metros de altura. De cultivo fácil, sendo por sementes, é uma planta rústica, pouco exigente quanto ao solo. Da família da abóbora, usa-se a polpa do fruto. A fruta tem sabor adocicado, pode ser consumida cozida, in natura como suco, picolé, sorvetes ou até mesmo fazer o doce da polpa.

Rica em fibras, vitamina C, cálcio e fósforo, alivia dores de garganta e é um excelente diurético. Muito utilizada para emagrecimento, pois ajuda a diminuir a vontade de comer doce. O Croá auxilia ainda na hidratação, melhora a digestão, controla a pressão arterial, o sistema imune, e é um verdadeiro tesouro da natureza.

O suco é rico em proteína vegetal, fibras, cálcio, magnésio e ômega 3. É anti-inflamatório, bom para o intestino e saúde dos ossos.

Modo de preparo:
Bata uma porção a gosto em água ou leite. Não é necessário coar.

SENAR Goiás

Otimize sua produção leiteira

Nutrição de bovinos de leite

na era da pecuária 4.0

Descubra como a inovação e a tecnologia podem transformar a nutrição do seu rebanho leiteiro!

Técnicas inteligentes de nutrição para um gado mais saudável e produtivo

Acesse ead.senargo.org.br ou aponte a câmera do seu celular para o QR Code:

Matricule-se!

interleite.com.br

INTERLEITE BRASIL 2024

30 ANOS INTERLEITE BRASIL

"O ÚNICO EVENTO QUE VALORIZA O LEITE COMO NEGÓCIO"

14 E 15 DE AGOSTO | GOIÂNIA/GO

CENTRO DE CONVENÇÕES DE GOIÂNIA

Realização:

MILKPOINT VENTURES

Apoio:

SENAR Goiás

SEBRAE

SEAPA Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento

GOVGO O ESTADO QUE DÁ CERTO